# A CONFERÊNCIA DO NORDESTE

## (Cristo e o processo revolucionário brasileiro)

**Crônica da Conferência do Nordeste**

**promovida pelo**

**Setor de Responsabilidade Social da Igreja do**

**Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil**

Recife, 22/29 de julho, 1962

# Prefácio

*Constituem nobre galeria os cronistas que "empreenderam uma narração coordenada dos fatos" (Lucas 1:1). De forma despretenciosa "o médico amável" apresenta a biografia de Jesus, o maior personagem da História. Oferece êle "uma exposição em ordem... para que tenhas plena certeza das verdades". Contenta-se em conduzir o leitor e fazê-lo contemplar a figura incomparável do Mestre. A verdade é que sua narrativa é de segunda mão, pois Lucas não teve o privilégio de acompanhar Jesus no seu afanoso e santo ministério. O apóstolo João manifesta outro objetivo. Não se preocupa apenas em narrar os fatos de que êle mesmo foi testemunha, mas apresenta que se convencionou modernamente chamar "biografia psicológica". À medida que lê, o leitor é insensìvelmente levado a sentir a realidade do Jesus Divino.*

*A crônica de Waldo Cesar acêrca da Conferência do Nordeste é mais joanina que lucana. Lendo-a, não só se tem a visão panorâmica da reunião promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, como também se é levado a apreciar o trabalho realizado, e, ainda, a concluir que existem falhas graves em nossa vida social que devem ser corrigidas.*

*A leitura do "diário da Conferência" dá-me a impressão de uma seqüência fotográfica em côres. O jôgo de luz e sombra dos quadros ásperos e dolorosos; a moldura da cidade bonita, com suas praias formosas e seu céu incomparável, essa Recife inesquecível; os ângulos curiosos e precisos de colocação dos personagens, sempre bem "focados", na distância certa e na luz adequada; o filtro disfarçando os tons vermelhos que pretenderam dar nuances não desejadas; e, por fim, os comentários seguros que conduzem o leitor a uma apreciação honesta e legítima da Conferência.*

*Quem não pôde comparecer a Recife nos últimos dias de julho de 1962 terá aqui um roteiro caprichosamente elaborado que lhe dará o itinerário percorrido e, de certo modo, as perspectivas para novas caminhadas.*

*É possível que o leitor não concorde com todos os pontos de vista que Waldo reproduz, transcrevendo daqui e dali, opiniões que surgiram nos grupos de estudo ou nas preleções.*

*Uma fotografia mostra o objeto fotografado como êle é, discordemos dêle ou não. A Conferência do Nordeste coloca diante de nós situações perturbadoras que requerem nosso estudo e nosso interêsse. Há coisas que, à primeira vista, espantam. O subtítulo, por exemplo: "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro". Entendem alguns que o que vemos, no Brasil, não é um "processo revolucionário", na expressão mais exata do seu conteúdo e do seu objetivo. Na realidade Cristo, o meigo e suave Salvador, promoveu a maior revolução que a História registra, sem violência, com as armas do amor. Em contraste com as Cruzadas sangrentas em que a Igreja saiu derrotada — encontramos a Igreja Primitiva e Post-Apostólica vencendo e dominando o Império Romano com a pregação pacífica do Evangelho.*

*A presença de Cristo (estarei convosco todos os dias) produziu e produz constantes modificações no panorama econômico-político-social. A regeneração do homem, recolocando-o na condição original em que foi criado, capacita-o a uma vida nova (nova criação) e alta em todos os sentidos. Os povos, no meio dos quais a percentagem de cristãos legítimos é alta, marcham na vanguarda do progresso e da valorização do próprio homem.*

*O processo revolucionário cristão começa quando o homem atende à recomendação do Mestre: "... buscai, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça, e tôdas estas cousas vos serão acrescentadas". "Estas cousas", no meu modesto entender, são accessórias, secundárias, aparecerão em segundo lugar. O que está em primeiro lugar é o sentido espiritual da vida. E essa atitude, em si, já é revolucionária.*

*A fachada da Igreja de São Marcos, em Veneza, apresenta nas três portas principais, algo interessante e instrutivo. Sôbre a porta da direita, há uma cruz com os dizeres: — "O que faz sofrer passa depressa". Sôbre a da esquerda há um ramo de flôres e a inscrição: — "O que dá alegria dura só um momento". Sôbre a porta principal brilha um escudo de ouro com a afirmação: "Só o que é eterno tem importância". Entretanto, concordamos, a Conferência do Nordeste não era uma Conferência acêrca da obra missionária ou evangélica, embora, concedemos, o imperativo da evangelização nunca deva estar ausente de qualquer atividade da Igreja.*

*Ouve-se, vez por outra, dizer que a Igreja é culpada pelos males que torturam nosso povo. Mas, qual Igreja? "A Igreja não faz nada" é jargão repetido, sem originalidade e sem verdade. Há razões mais profundas e causas mais legítimas que explicam a condição precária de certas regiões do Brasil, especialmente o Nordeste A Igreja — qualquer que ela seja — não pode ser responsabilizada pelas sêcas. Por outro lado, desde o Império que os políticos exploram "a indústria da sêca", criando verbas para açudes que apenas represam dinheiro para suas contas bancárias. Não se pode esquecer que a Igreja Evangélica, no Brasil, ainda vive o regime de pioneirismo, com limitadíssimos recursos financeiros, sustentando precàriamente seus pastores, e, com raras exceções, construindo com sacrifícios seus modestos templos. E mais, a "voz" da Igreja Evangélica não tem ainda volume suficiente para chegar a certos ouvidos e produzir-lhes mossa É de mau vezo, portanto, ficar criticando a Igreja. Ou, pelo menos, será preguiça mental, fugir ao esfôrço de procurar as verdadeiras causas do mal que nos aflige.*

*Vou ficando por aqui. Não me fica bem aproveitar-me do gesto delicado do bom amigo Waldo e, em vez de prefácio, pespegar-lhe aqui uma tese. Meu intento foi, apenas, dar a entender que, embora aprecie o notável trabalho da Conferência do Nordeste, não concordo com tudo que ali se disse ou se fêz. Há, sobretudo, o fato indiscutível de interêsse do Protestantismo Brasileiro em participar ativamente da vida nacional e de dar uma contribuição desinteressada e honesta para a solução dos nossos complexos problemas.*

*E, sem dúvida, como grande foi a contribuição de Waldo para o sucesso da Conferência, grande é, também, seu interêsse pela divulgação real do que ali ocorreu.*

*Abençoe-o Deus no seu intento.*

Amantino Adôrno Vassão
*Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil*

Rio, 21 de novembro de 1962

ÊSTE LIVRO

# ÊSTE LIVRO

*Em forma de diário, captando os principais acontecimentos da Conferência do Nordeste, o presente trabalho tem como objetivo levar o leitor até ao local e às circunstâncias da memorável reunião de estudos promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da Confederação Evangélica do Brasil, no Recife, em julho de 1962. Adotamos êsse critério para darmos um caráter de autenticidade à experiência que usufruímos na sucessão dos momentos vividos:*

*seja na organização e mecânica,*
*seja na representação variada dos delegados,*
*seja nos cultos de adoração e meditações,*
*seja no diálogo constante entre a fé e o secular,*
*seja na divulgação da imprensa local, larga, inédita,*
*seja na interpretação dos acontecimentos do Brasil em geral e do Recife em particular,*
*seja, por fim, nos temas e debates da Conferência.*

*O método dêste livro é o método da própria vida cristã, para a qual o dia-a-dia se torna o instrumento de medida de nossa fé, aferindo destarte a nossa obediência ou rejeição a Deus.*

*A Conferência do Nordeste não foi algo isolado, mas o resultado de uma série de trabalhos anteriores:*

— *as três Reuniões de Estudo que o Setor de Responsabilidade Social da Igreja realizou em 1955, 57 e 60 e que embora não possam ser comentadas aqui, explicam em grande parte o que aconteceu nestes oito dias que narramos;*

— *dezenas de encontros e estudos com a participação dos mais destacados líderes de nossas igrejas e de muitas outras pessoas, cujos nomes não aparecem, mas que,* por vêzes, determinaram certa orientação de suprema

*importância para tudo quanto está sendo feito, neste campo de estudo e relação da Igreja com a sociedade brasileira.*

*No registro de fatos e na tentativa de interpretá-los, as situações e os nomes surgem de forma um tanto arbitrária, sem preocupação cronológica ou de entrada em cena de tôdas as personagens.*

*Também não se pretendeu documentar, como em uma ata, os diálogos, os números, as citações.*

*De resto, uma palavra de agradecimento às Comissões Organizadoras (Nacional e Local), e às equipes de trabalho, que durante meses se empenharam no levantamento de dados indispensáveis ao plano total da Conferência; estendemos nossa gratidão ao Colégio Agnes Erskine, que nos hospedou, e seus dedicados funcionários, muito especialmente aos professôres Maurício Wanderley e Edla de Oliveira.*

*Agradecemos a nosso Deus e Pai, que dia após dia nos permite tomar consciência mais profunda das dimensões da luta que ora se trava em nossa Pátria.*

*Que Êle mesmo nos prepare para o exercício do testemunho cristão neste momento decisivo de nossa História.*

Waldo A. César

*Secretário Executivo do Setor*
*de Responsabilidade Social da Igreja.*

# ORGANIZAÇÃO

# ORGANIZAÇÃO

Comissões
Equipe
Participantes das reuniões preparatórias
Dados estatísticos da Conferência do Nordeste.

## EQUIPE

*Jacqueline Skiles*
*D. Glênio Vergara dos Santos*
*Josué da Silva Mello*
*Gerson Moura*
*Rubens Menzen Bueno*
*Hilda Hees*

## COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

| | |
|---|---|
| Presidente: | *Almir dos Santos* (metodista) |
| Vice-Presidente: | *David Gomes* (batista) |
| Secretário | *Esdras Borges Costa* (presbiteriano) |
| Diretor-Financeiro: | *Jether Pereira Ramalho* (congregacional) |
| "Ex-officio:" | *Rodolfo Anders* (presbiteriano) |
| Vogais: | *Aharon Sapsezian* (congregacional armênio) |
| | *Cesar Teixeira* (presbiteriano) |
| | *Edir Cardoso* (U.C.E.B.) |
| | *Francisco Pereira de Souza* (presbiteriano) |
| | *John Nasstrom* (luterano) |

## COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

| | |
|---|---|
| Presidente: | Hospedagem: |
| Secretário: | *Hermes da Silva* (batista) |
| Tesoureiro: | *Dorival Rodrigues Beulk* (metodista) |
| Hospedagem: | *Antônio Salles da Silva* (congreg.) |
| | *Inaldo Lima* (presbiteriano) |
| | *Maurício Wanderley* (presbiteriano) |

| | |
|---|---|
| | *Edla de Oliveira* (presbiteriana) |
| Divulgação: | *Melval Rosa* (batista) |
| | *Winfredo Becker* (luterano) |
| | *Isaías da Silva Rêgo* (batista) |
| Relações Públicas: | *Torqueto dos Santos* (presbiteriano) |
| | *Ademar de Melo* (Brasil para Cristo) |

Secretário-executivo do Setor: *Waldo A. Cesar*
Secretário-executivo da Conferência: *Carlos Alberto Cunha*

PRESENTES ÀS REUNIÕES

# PRESENTES ÀS REUNIÕES

*Aharon Sapsezian*
*Almir dos Santos*
*Aguinaldo Costa*
*Árpád Grippi-Papp*
*Aretino Pereira de Mattos*
*Alfonso Zimmermann*
*Alzemira Miranda*
*Barabra Hall*
*Ben-Hur Mafra*
*Bela Mohai Zabó*
*Beatriz Carvalho*
*Claudius Ceccon*
*Claudio P. Jorge*
*Carlos Simões*
*Caio Toledo*
*Cesar Teixeira*
*David Malta*
*Daniel Silveira*
*David Gomes*
*Dina Rizzo*
*Dorival R. Beulke*
*Eber Ferrer*
*Edmundo K. Sherril*
*Esdras Borges Costa*
*Edir Cardoso*
*Ewaldo Alves*
*Edgar Kuhlmann*
*Francisco Pereira de Souza*
*Glênio Vergara dos Santos*
*Glênio Vergara dos Santos*
*Glaucia Souto*
*Gerson Meyer*
*Gustavo Velasco*
*J. Gomes*
*Janos Apostol*
*Jacqueline Skiles*
*Jether P. Ramalho*
*Jaime Ferreira*
*John Nasstrom*
*Joaquim Beato*
*José Borges dos Santos Jr.*
*José Geraldo da Costa*
*Lauro Monteiro da Cruz*
*Lucula Cruz*
*Luis Carlos Weil*
*Luis Odell*
*Marcos Antonio Ferreira*
*Maria Lêda Resende*
*Marilia Cruz*
*Messias Amaral dos Santos*
*Northon Cidade*
*Orlando Valverde*
*Paul Abrecht*
*Petrônio Coutinho*
*Paulo Yokota*
*Rodolfo Anders*
*Rodolfo Hasse*
*Richard Shaull*
*Ricardo Saur*
*Rubem Alves*
*Ruediger Bohnenkamp*
*Sabatini Lalli*
*Theodoro Henrique Maurer Jr.*
*Tomiko Tanaami*
*Ioshimichini Ebizawa*
*Waldo A. Cesar*
*Warwik Kerr*
*William Schisler Filho*

# INTERPRETAÇÃO

# DE COMO SE INTERPRETARIA A CONFERÊNCIA DO NORDESTE

Na qualidade de presidente do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da Confederação Evangélica do Brasil, coube-me o honroso privilégio, não sòmente de acompanhar de perto todos os passos na preparação da Conferência, mas também de a ela presidir e participar ativamente de tôdas as fases de sua realização na cidade do Recife, em dias do mês de julho de 1962.

O testemunho da quase totalidade dos que participaram da Conferência, embora todos façamos restrições a pormenores desagradáveis que no decorrer do trabalho se tornaram quase inevitáveis, dada a heterogeinedade do grupo de participantes e à natureza do assunto debatido, servindo-se a tomadas de posição diferentes, o testemunho da quase totalidade dos que participaram, repetimos, foi de que a Conferência tornou-se uma realização sem precedentes na história do evangelismo brasileiro, pelo alto gabarito dos seus preletores, pela participação de elementos representativos dos vários grupos denominacionais e de muitos estados do Brasil e também de países estrangeiros, inclusive os Estados Unidos da América do Norte, e pela tremenda repercussão que os trabalhos da Conferência alcançaram fora do âmbito evangélico.

Uma tentativa honesta de interpretação da Conferência exige, antes de mais nada, que a situemos dentro do ciclo de reuniões da mesma natureza realizadas pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja. A Conferência do Nordeste foi a IV Reunião de Estudos do Setor. Uma recordação rápida dos temas das primeiras reuniões nos mostra desde logo a preocupação do Setor, preocupação — com que aliás foi criada em 1955, a Comissão de Igreja e Sociedade que é a antecessôra do Setor — de estabelecer um diálogo franco e honesto entre a realidade brasileira em dado momento histó-

rico e os postulados da nossa fé cristã, objetivando informar às Igrejas e auxiliá-las na busca de novas formas de serviço cristão na comunidade local, estadual e nacional. Esta foi, segundo depreendo da leitura dos documentos publicados, a finalidade principal da criação da Comissão de Igreja e Sociedade da qual o Setor de Responsabilidade Social da Igreja é o substituto. Façamos, então, ràpidamente, uma recordação das reuniões anteriores a que nos ocupa neste momento.

A primeira Reunião de Estudos, realizada no ano de 1955, teve como tema "A Responsabilidade Social da Igreja". Foi uma tentativa de estabelecer as bases bíblicas e teológicas para a ação social da Igreja. Essa preocupação, aliás, tem estado presente em tôdas as reuniões de estudo, inclusive na quarta, onde três das grandes preleções versaram justamente sôbre o ensino dos profetas, o ensino de Jesus e a tarefa da Igreja.

A segunda Reunião de Estudos, que se deu em 1957, estudou o seguinte tema: "A Igreja e as Rápidas Transformações Sociais do Brasil". Estabelecido na primeira reunião o fundamento bíblico e teológico para a ação social da Igreja, passa-se na segunda ao exame da realidade brasileira que, no momento histórico de 1957, se afigurou como de rápidas transformações sociais, eufemismo sociológico com que procurávamos fugir ao epíteto de "subdesenvolvido". Os documentos desta reunião dados à publicidade já contém declarações avançadas com respeito a vários problemas concretos do Brasil, inclusive sôbre reforma agrária, movimento sindical, política partidária, etc. Não se encontram neste documento muitas citações bíblicas a guisa de "proof-tests", mas quem é leitor assíduo da Palavra de Deus, e aceita a Soberania da Palavra Incarnada, o Verbo feito carne, pode surpreender sem maiores dificuldades a presença do pensamento e do espírito bíblicos em todos os seus pronunciamentos.

A terceira Reunião de Estudos, acontecia em São Paulo em 1960, com a presença de muitos representantes não só do Brasil como do exterior. Tratou de "A Presença da Igreja na

Evolução da Nacionalidade". Estávamos na reta final do govêrno do presidente Juscelino, em cujo período quinquenal a palavra "desenvolvimento" se tornou a bandeira para realizações positivas e para cobertura de demagogia barata. A Igreja está no mundo — "não peço que os tires do mundo" — e é no mundo *hic et nunc* que ela deve dar o seu testemunho. Nada mais compreensível, portanto, que a cúpula do evangelismo brasileiro, que é a Confederação Evangélica do Brasil, por um dos seus departamentos credenciados, procurasse estudar para opinar com segurança sôbre êste mundo brasileiro *hic et nunc* frente à conteporaneidade da fé cristã. Foi esta a primeira reunião a que tive o previlégio de assistir e de participar como um dos preletores. Lembro-me de ter ouvido várias vêzes no decorrer das discussões a expressão seguinte: "Queremos descobrir a ação de Deus na história brasileira". Falou-se sôbre a possibilidade de Deus estar agindo fora do âmbito da própria Igreja e até em movimentos que nos parecem esquesitos e contraditórios.

Êste elenco do temário das reuniões de estudos nos revela duas preocupações sempre presentes em tôdas elas: 1 — a preocupação por estudar a realidade brasileira. 2 — a preocupação pela busca de uma resposta cristã aos proplemas que esta realidade apresenta em dado momento histórico. Dentro destas duas preocupações situa-se a verdadeira missão profética da Igreja. O profeta é aquêle que *vê* uma situação onde a vontade de Deus não está sendo obedecida, *ouve* a palavra de Deus diretamente, e *vai* ao povo e *diz*: "Assim diz o Senhor".

Chegamos ao ano de 1961. Pensa-se na realização de uma quarta reunião de estudos do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, fiel ao programa que se traçou desde o início de buscar a resposta divina a uma situação humana concreta. Vários meses andamos nós os responsáveis pela preparação da Conferência buscando caracterizar o *hic et nunc* da realidade brasileira. Os jornais, o rádio, a TV, a literatura sócio-político-econômica, as conversas de tôdas as camadas sociais

eram unânimes em reconhecer que o Brasil estava e está ainda vivendo um processo revolucionário. Daí saiu uma parte do tema geral da Conferência do Nordeste — a realidade brasileira é revolucionária. "Que a situação do Brasil é revolucionária, só não vê quem não quer. Tanto pior para êle", estas foram as palavras de um pastor batista do Recife em março do corrente ano, e por sinal um irmão bastante conservador.

A realidade se me afigura como algo dado. Algo que está aí, como dizem os existencialistas. Não posso configurar a realidade a meu talante. A realidade é o que é. As impressões que a realidade opera sôbre diferentes indivíduos é que pode variar, mas a realidade em si, jamais.

Estabelecida a realidade que nos confrontava saímos em busca da resposta. A resposta também já está dada — a resposta é Cristo. Não o Cristo transformado em *slogans* para cartazes de conferências evangelizantes, mas o Cristo eterno contemporâneo de todos os caminhos humanos, o Cristo vivo que prometeu à sua Igreja que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Daí, então, o tema da Conferência do Nordeste: "CRISTO E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO", tema que foi tratado, como é do conhecimento de todos, do ponto de vista bíblico e teológico, por três grandes líderes do evangelismo pátrio e do ponto de vista sócio-econômico por outros três grandes nomes da vida cultural brasileira. Tôdas as palestras, bem como os resultados dos grupos de estudo estão sendo publicados e por êles é fácil verificar a orientação e o espírito da Conferência do Nordeste.

O local para realização da Conferência também foi escolhido intencionalmente. E o local deu o nome: "Conferência do Nordeste". Mas por que o Nordeste? Em primeiro lugar, porque o Nordeste se tornou centro das preocupações da política nacional e internacional. O próprio presidente Kennedy enviou o seu irmão para estudar os problemas daquela região. Outros grupos, inclusive bispos católicos, lá estiveram reunidos e fizeram pronunciamentos públicos sôbre a si-

tuação nordestina dentro da situação brasileira. Em segundo lugar, porque o nordeste apresenta o ponto mais crítico da crise brasileira. Podemos citar, para lembrar aos diletos irmãos que Recife, capital do nordeste e local eleito para a realização da Conferência, é chamada a "Moscousinha brasileira"; o nordeste tem sido chamado "a Cuba brasileira" ou "estopim da revolução"; e um irmão presbiteriano do Recife me disse textualmente: "Reverendo, estamos fazendo pic-nic em cima de um vulcão". Em terceiro lugar, pelo desejo de integração das igrejas do nordeste à Confederação Evangélica do Brasil. Quando da nossa visita de preparação em março e abril dêste ano, ouvimos de irmãos do Nordeste críticas e queixas, afirmando que êles tem sido esquecidos por nós outros do Sul; que tôdas as reuniões de envergadura se realizaram no eixo Rio-São Paulo; que os visitantes ilustres que vêm ao Brasil se deixam ficar pelo Sul. Esta situação não é meramente eclesiástica, mas também política; porque me disseram lá que já se fala entre êles em imperalismo do sul, imperialismo paulista, etc.

A Conferência do Nordeste marcou um *turning-point* na história do Setor de Responsabilidade Social da Igreja e mesmo da própria Confederação Evangélica do Brasil. O evangelismo brasileiro esteve no cartaz por vários dias e semanas consecutivas e o nome da Confederação Evangélica do Brasil foi envolvido num movimento de âmbito nacional.

Um dos aspectos positivos que podemos citar como verdadeiro dividendo da Conferência foi a tomada de consciência pelas igrejas representadas na reunião, da realidade presente do Brasil. Há uma realidade que nos desafia no momento presente, perguntando-nos, em angústia, qual é a resposta da Igreja, como intérprete da vontade de Deus para a vida da comunidade, à crise em que se debate a nossa Pátria nos dias que correm.

"Contra fatos não há argumentos". O método científico de pesquisa da verdade manda que partamos do exame objetivo dos fatos. A interpretação tem que ser de uma realidade

dada. A Conferência do Nordeste foi uma tentativa de tomar contato com a realidade brasileira, interpretá-la à luz da revelação cristã, e buscar as soluções evangélicas para os problemas do momento.

Faz parte da tarefa da Igreja o reexame de sua própria estratégia, dos seus métodos e processos de ação. A igreja precisa parar de vez em quando para perguntar-se a si mesma: "onde estamos", "para onde vamos". As estruturas eclesiásticas, assim o entendo, não são sagradas. Podem mudar e de fato têm mudado ao longo da história. Esta foi outra contribuição positiva da Conferência. Sem apontar mudanças específicas, que isso não era da sua atribuição, freqüentes vezes esteve presente aos grupos de estudo a pergunta seguinte: "São as presentes estruturas eclesiásticas adequadas aos desafios que o mundo endereça à Igreja no momento atual?" Foi lembrado em um dos grupos de estudo, do qual tive o prevílégio de participar, o exemplo de Roberto Raikes que, para atender a uma necessidade do seu tempo, criou uma nova forma de trabalho hoje incorporada a nossa estrutura eclesiástica como uma das maiores agências não só educativa, mas também evangelizante da Igreja. E quem dirá que a Escola Dominical como a temos hoje em nossas igrejas é a mesma escola fundada e organizada por Raîkes no século XVIII? E o Sermão do Monte nos apresenta o nosso Mestre e Salvador afirmando: "Tendes ouvido o que foi dito, eu porém vos digo".

Muitos me têm perguntado: quais serão os resultados práticos da Conferência do Nordeste? Na minha opinião essa expressão "resultados práticos" está carecendo de revisão. Não podemos medir o valor das coisas apenas pelos seus resultados. Algo dá resultado porque é verdadeiro e não é verdadeiro porque dá resultado. Quanto à minha resposta, tem sido: não sei. Esperamos confiantes que, se a documentação que ficou como espólio da Conferência for conservada, daqui a alguns anos, quem sabe alguns dos nossos pósteros, se compulsar êstes documentos reconhecerão pelo menos a sinceri-

dade do nosso esfôrço. Os pastôres e leigos que estiveram presentes, despertadas as suas consciências para uma nova dimensão do trabalho da Igreja, qual seja o seu envolvimento na questão social, certo irão distribuindo as idéias e pensamentos que lá ouviram.

Será essa a recompensa pelo grande acêrvo de contribuição positiva que a Conferência do Nordeste trouxe para a vida e missão da Igreja Evangélica do Brasil.

ALMIR DOS SANTOS

DIÁRIO DA CONFERÊNCIA

# VÉSPERA

# VÉSPERA

"Cristo e o processo revolucionário brasileiro". O cartaz, 1 metro por 70 cm, era visto da rua e fazia parar o táxi. As letras brancas estilizadas, sôbre fundo vermelho cortado por uma cruz enorme, chamavam o olhar para o prédio nôvo do Colégio Agnes Erskine, Avenida Rui Barbosa, 704, Recife. O enderêço que não passava de uma referência no espaço, agora tem forma concreta e faz parte do meu tempo. Porque hoje é sábado, 21 de julho de 1962, véspera da Conferência do Nordeste. Uma semana diante de mim. Uma semana com a IV Reunião de Estudos sôbre Responsabilidade Social da Igreja, o V Encontro de Líderes da Mocidade Evangélica, a reunião do Departamento de Ação Social — tudo isto da Confederação Evangélica do Brasil — e ainda a Junta Latino Americana de Igreja e Sociedade... E sabe-se lá o que mais!

Depois do portão de ferro tomo um caminho curvo do jardim, entre palmeiras grandes e flôres pequeninas, onde alvas estatuetas rompem o prêto da noite. Na porta de entrada o cartaz mostra detalhes: instrumentos de trabalho e galhos ressequidos apontam para a cruz. Entro. A secretaria da Conferência está instalada na grande e hospitaleira entrada do Colégio.

Nome. Procedência. Representante de igreja ou convidado? Preletor! (Vai comer fogo: uma hora para falar e outra para responder a perguntas). Ah, do Encontro de Líderes? Já começou ontem. Não, não é aqui. Favor pegar de novo a mala. O Chicão está esperando. É no Colégio Americano Batista, só uns quarteirões adiante.

Assim foi. Mais de uma centena de vêzes. Não tinha hora. Batistas, congregacionais, episcopais, luteranos, metodistas, presbiterianos, pentecostais, reformados, metodistas livres — e outros — num total de 14 denominações, sem contar com as cinco igrejas dos delegados fraternais dos Estados Unidos,

México e Uruguai. Chegavam de tôda parte. Incluindo Pernambuco, dezesseis Estados. Quando todo o mundo acabou de chegar eram 167 participantes. A maior e a mais representativa de tôdas as reuniões do Setor de Responsabilidade Social da Igreja e da Confederação Evangélica do Brasil nos últimos anos.

— Como é que você veio?

— No vôo faquir. Sòmente água e cafèzinho. ...Será possível comer alguma coisa

— Tudo fechado. Também, são 3 da manhã!

E em tom mais baixo:

— O *seu* Jaime tem sanduíches...

Eram os primeiros diálogos: a viagem, o tempo, o motor que parou. Início de conversa. Tudo isso que de repente se transformaria em produtiva troca de idéias sôbre o tema geral e subtemas ou em discussão forte nos grupos de estudo e nas plenárias. Ora, falaria um só; ora, em uníssono, o nome de Deus seria louvado nos cultos de adoração.

Mas a véspera não era sòmente um dia de sábado — com êsse pouquinho de horas que nos separavam da abertura da Conferência. Era todo um ano de preparação. Encontro por encontro, frase por frase haviam montado muito mais do que uma grande máquina; quero dizer, criou-se nova possibilidade de confrontação da Palavra de Deus com a situação nacional. Agora, porém, em têrmos mais concretos. O tema, local, número de igrejas interessadas, o caráter nacional da Conferência — tudo se constituía em desafio e expectativa. E também o envolvimento de tôda a Confederação Evangélica do Brasil. Passo a passo fomos descobrindo que os estudos preliminares nos chamavam, como Departamentos e Setores da C.E.B., para uma ação conjunta mais integrada na realidade brasileira. Tôdas as indecisões políticas, todos os receios e dúvidas da nacionalidade estiveram presentes na grande véspera da Conferência do Nordeste. Até mesmo a variedade de interpreta-

ções da Palavra, em forma criativa, foi parte de todo o processo de preparação.

O ponto de partida já oferecia base suficiente para certa inquietude. A hora nacional era de crise aguda — e os temas da Conferência tomavam a situação econômica, política e cultural no contexto da sua própria realidade e tentavam submeter tudo isto à realidade do julgamento da Palavra de Deus. Estávamos certos de que a busca de soluções adequadas para os problemas brasileiros teria que levar em conta que "tôda a situação humana tem significado perante Deus e que por isso deve ser iluminada pelo Evangelho".

* * *

Antes de dormir abro a pasta do delegado em busca do programa de amanhã. Não resisto ao exame de tôda a semana, dia a dia. Os horários, os temas, os intervalos. Já conhecia todo o programa, tantas vêzes refeito. Mas agora é o definitivo. A pasta já vem quase cheia só com material preparatório. Folhetos sôbre diversos temas, avisos, recomendações, endereços das igrejas do Recife, sugestões de temas para os grupos de estudo, nomes dos membros das Comissões Organizadoras.

O sono chega no silêncio do grande páteo que protege o Colégio. Corro os olhos nos folhetos preparatórios *"Encarnação* existe em função de *Missão"*. Vejo em outro um subtítulo em negrito: *"A atualização e "indigenismo" da mensagem." "Bases teológicas da responsabilidade social"* — é o capítulo de mais um folheto. Volto ao primeiro:

> "É porque Deus deseja criar comunhão que êle se encarna. Ao descer aos abismos da miséria humana, Deus está olhando para a realização do seu eterno propósito de amor. É interessante notar que todo o conhecimento que temos de Deus nos mostra Deus sempre neste movimento de encarnação, ou seja, movimento na direção da humanidade perdida. Isto quer dizer que o nosso Deus é

sempre encontrado na concretude das situações humanas. Não existe, no pensamento bíblico, uma doutrina de Deus, em si mesmo. Tudo o que se sabe a seu respeito é derivado desta encarnação, ou seja, desta união indissolúvel com o destino humano".

## 22, DOMINGO

# 22, DOMINGO

## ABERTURA — A CONFERÊNCIA E A CIDADE

Às 8 horas da manhã, conforme prometera, o Pastor Ademar de Souza Melo estava na porta do Colégio. Êle e três carros. Com elementos da equipe, e outros, ia destribuir cartazes e volantes nas igrejas da cidade. E confirmar que a abertura será às 16 horas no Teatro do Parque. 35 igrejas são visitadas, entre as cento e tantas do Recife. Alguns pastôres, vendo o grupo chegar, interrompem o sermão e oferecem o púlpito para o importante anúncio.

Não era a primeira visita. No dia 7 de julho haviam chegado sete elementos da equipe de preparação da Conferência. Vieram para cooperar com a Comissão Organizadora Local e conhecer o trabalho das igrejas da cidade. A Conferência era nacional, mas o seu resultado maior e mais profundo deveria estar em relação com a tarefa local de cada igreja. Não há situação local que não conte com a presença física da igreja. Qual é o significado dessa presença? A igreja local é uma espécie de vigia do mundo, olhando os homens nas suas situações de cada dia e chamando-os ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo. Mas é uma tarefa complexa. Para chamar é preciso conhecer pelo nome o homem anônimo de hoje. Como se chama êle? Talvez tenha o nome de movimentos, ideologias, associações. Sòmente conhecendo a fundo as estruturas da grande sociedade será possível falar ao homem numa linguagem que êle entenda e respeite.

O dia está bonito. A cidade surpreende os visitantes. Os rios, as pontes, os sobradões tradicionais dão-lhe a fisionomia clássica de cidade européia. A descoberta é lenta. Sinuosamente a cidade se desenha pelas curvas dos rios, vai até o verde das imensas praias de arrecifes, coqueiros e jangadas e se acaba no pôrto que a prolonga, de certa forma, para o resto

do país e para o exterior. O Capiberibe e o Beberibe parecem fugir indecisos do oceano que vai engolir suas águas. Junto com outros riachos, que brotam por ali mesmo, a cidade se arranja e se constrói sôbre ilhas e entre as pontes de tôdas as épocas e estilos.

Alguém fala de um projeto para regularizar o efeito das marés que levam a água salgada para dentro dos rios. Quando baixam, mostram a lama feia das camboas de onde às vêzes se desprende um gás denso, mal cheiroso, que parece neblina. Mas êsse projeto tem que levar em conta a função social daquelas beiras de lama. Seguindo pelas margens o visitante se constrange: mora gente na lama. Milhares. É a população pobre e doente, quase tôda do interior. Ali, pelo menos, não pagam aluguel ou pagam pouco. E ainda encontram o que comer — os caranguejos. Para muitos, durante anos, é o caranguejo pràticamente o único alimento. As próprias crianças aprendem a pegá-lo esportivamente, quando a maré baixa, nos manguezais repletos de mocambos. É uma população anfíbia, literalmente marginal. O barraco imundo se liga ao do vizinho por meio de frágeis pontes de madeira. E aquela gente aumenta dia a dia em número e em miséria.

Mas, se a terra é feia, o céu está bonito. E mesmo que não houvessem grandes bolas brancas de nuvens sôbre o azul de irônica pureza, as igrejas estariam cheias. É impressionante o movimento religioso da cidade, cuja preocupação pelos problemas sociais, quando existe, está em geral colocada em têrmos esmoleiros. Recife foi escolhido como local da Conferência do Nordeste por isto mesmo. Lá o contraste violento entre o Brasil arcaico e o Brasil novo (1) dispensa levantamento de dados. Está na cara. Desde o pomposo aeroporto internacional, onde as crianças rondam a gente como se fôssem môscas. Não se pode nem sentar num café ou bar do centro da cidade sem que o cortejo dessa elementar necessi-

(1) V. o livro de Jacques Lambert, «Os Dois Brasis», publicado pelo INEP, 1959.

dade de comer não surja como espécie de invasão. E não se limitam a estender a mão; tocam, puxam pelo casaco. Uma criança apontou para o meu sanduíche. Outra sorveu um copo grande de ovomaltine, que havia sobrado e saiu rindo com um grande bigode de espuma. No Restaurante Leite, granfino, elas não podem entrar; mas as portas são de vidro e a gente come constrangido sob a vigilância biológica de olhos encovados.

— Quantos habitantes?

— 790 mil.

Depois de algum silêncio, que a pergunta não era turística:

— 200 mil desempregados. 70 prostitutas.

Alguns dias depois um pastor dizia que fôra ver o bairro. Muitas eram meninas: 13, 14, 15 anos. Era o jeito, se quisessem comer.

Mas isso foi alguns dias depois. Hoje é domingo, o dia está azul e à tarde abre-se a Conferência do Nordeste. Pelos tapumes vêm-se os cartazes da Conferência, colados durante a noite pela equipe. Os três jornais da cidade falam sôbre a reunião: "Última Hora" anuncia na 1.ª página: CRISTO PRESENTE NA CRISE BRASILEIRA. Na página 7 publica entrevista com Waldo Cesar, secretário-executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja. O "Diário de Pernambuco" divulga a mesma entrevista. O "Jornal do Comércio" noticia a exposição de arte que se inaugurará amanhã à noite.

## IGREJA, POVO E GOVÊRNO SE ENCONTRAM: TEATRO DO PARQUE

Um dia assim, em que os jornais da cidade divulgam a Conferência com destaque, não se improvisa. Foi resultado de esfôrço sério, longo e intenso. A Comissão Organizadora (Nacional e Local) trabalhou mesmo. Carlos Cunha, como secretário-executivo da Conferência, coordenou o trabalho das Comissões, passou 15 dias no Recife em março e tranferiu-se para o local em princípios de julho. Autoridades civis e mili-

tares foram visitadas. Tanto o governador Cid Sampaio quanto o prefeito Miguel Arraes prometeram comparecer à sessão de abertura.

O teatro está pronto. Lizette Cardoso arranjou a mesa com flôres. O Estúdio Evangélico instalou o gravador e o microfone. D. Anne, do Agnes, vai tocar o hino nacional. Começa a entrar gente e o grande salão está quase lotado.

Chega o presidente da Câmara dos Deputados, Dr. Paulo Guerra. O comandante da VII Região Militar manda um representante. O prefeito faz-se presente por intermédio do Dr. Luiz Portella (presbiteriano, prefeito da cidade de Palmares). O Governador do Estado, Dr. Cid Sampaio, comparece em pessoa.

Além destas autoridades civis e militares, fazem parte da mesa: Rev. Messias Amaral dos Santos, Vice-presidente da Confederação Evangélica do Brasil, que presidiu a sessão; Rev. Hermes Silva, presidente da Comissão Organizadora Local; Rev. Guanais Dourado, presidente do Conselho Regional da C.E.B. no Recife e Reitor do Seminário Presbiteriano do Norte; Rev. Almir dos Santos, presidente do Setor de Responsabilidade Social da Igreja e orador da tarde; Prof. Carlos Cunha, secretário-executivo da Conferência do Nordeste e Waldo A. Cesar, secretário-executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja.

Canta-se o hino nacional. O Rev. Oton Dourado faz a oração de invocação.

*Assim diz o Senhor*

O dirigente leu:

"Assim diz o Senhor: mantende o juízo e fazei a justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça a manifestar-se".

O povo todo em pé, responde:

"Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do

homem que nisto se firma".

O dirigente continua:

"Porventura não é êste o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo o jugo?"

O povo:

"Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?"

A resposta de Deus é relembrada pelo dirigente, ainda conforme Isaías:

"Então romperá a tua luz como a alva, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do Senhor será a tua retaguarda".

O povo, a uma voz, lê o Cântico de Maria, terminando a leitura biblica com o texto de Mateus 25.34-45. No final as mil vozes da assistência perguntam em uníssomo:

"Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sêde, forasteiro, nu, enfêrmo ou prêso, e não te assistimos?"

E a resposta vem como um julgamento:

"Em verdade vos digo que sempre que deixastes de fazer a um dêstes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer".

## CRISTO E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO

O Rev. Almir dos Santos, orador da tarde, falou sôbre o tema geral, "Cristo e o processo revolucionário brasileiro". Começou dizendo que Jesus, ao iniciar o seu ministério, apresentou o que tem sido chamado "O Manifesto de Nazaré". Nêle oferece as bases para uma reconstrução total da sociedade. O texto está em Lucas 4.18-19: "O Espírito do Senhor está sôbre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e res-

tauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor."

Diante do povo em silêncio, o presidente do Setor de Responsabilidade Social da Igreja fêz comentários de ordem geral sôbre a sociedade brasileira. Que é que caracteriza o processo revolucionário que atravessamos? É uma revolta generalizada contra a situação atual e a luta para sair do subdesenvolvimento. Certas expressões aparecem quando se levanta êsse problema: auto-determinação, nacionalismo, revolução social. Mas o orador afirmou que não era técnico nesses assuntos. Era ministro de Deus. Ia falar, portanto, do Evangelho e trazer a sua mensagem para o momento.

Que significa a afirmação de Jesus de que veio para *evangelizar os pobres?* Os pobres são os econômicamente deserdados. Que seriam as boas-novas para os pobres? Torná-los contentes com a sua pobreza? Se assim fôsse, valeria a acusação de que a religião é um ópio . Que seria, então? Oferecer-lhes recompensa no outro mundo? Nesse caso, a religião não seria operante nas relações humanas neste mundo. As únicas boas-novas eficazes seriam as de que não haveria mais pobres. A pobreza pode e deve ser abolida.

*Proclamar libertação aos cativos,* isto é, aos deserdados social e polìticamente. Há muitos cativeiros hoje — disse o preletor. O homem explora o homem e usa-o para os seus próprios fins. O manifesto de Jesus anuncia o fim a tôda exploração e põe o homem no seu verdadeiro lugar, considerando-o filho de Deus.

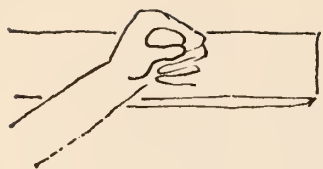
*Restauração da vista aos cegos.* Os fìsicamente deserdados. A doença não é da vontade de Deus. Jesus não pediu que os homens a suportassem como sendo a vontade inexorável de Deus. Êle veio para que os homens tenham vida abundante. O pecado, o êrro, a doença e a morte são inimigos da vida. Jesus curou as doenças não para demonstrar seu poder divino, mas porque os homens precisam de ser curados. Era parte do plano redentor de Deus.

*Pôr em liberdade os oprimidos.* Os deserdados moral e espiritualmente. Os três ítens anteriores se referem às necessidades físicas e sociais dos homens, o quarto se refere às suas necessidades morais e espirituais. O mundo é um mundo de conseqüências morais. Sòmente o perdão de Deus pode levantar os oprimidos. Dê-se ao homem tudo o que êle necessita econômica, social, política e fìsicamente, e contudo não estará em si se não estiver curado na alma... O nôvo nascimento oferece essa cura.

*Apregoar o ano aceitável do Senhor.* O ano aceitável do Senhor era o ano judaico do jubileu, conforme se lê em Levítico 25.10. Mediante o jubileu se conserva certo equilíbrio econômico, evitando o latifúndio e acumulação de riquezas por uns, enquanto outros ficavam totalmente sem posses. Jesus tomou a idéia dêsse texto e universalizou-a.

No final de sua prédica o Rev. Almir lembrou que há dois perigos na confrontação de nossa fé com a situação social: aceitar um programa de ação mas negar a dinâmica do Espírito, o poder de Deus. Isto é humanismo. Ou então aceitar essa dinâmica mas negar um programa de ação. O plano sem o poder é mera ficção; o poder sem plano é simples nulidade. Ambos, o programa e o plano, aliados, criam um nôvo mundo.

O orador terminou com uma pergunta, depois de ler o texto citado por Jesus (Isaías 61.1,2) onde se acrescenta à expressão *ano aceitável do Senhor,* esta outra: *e o dia da vingança do nosso Deus.* A vingança do Senhor é a sanção da justiça divina sôbre as injustiças humanas (Salmo 82. 2-4). Com que ficamos? O ano aceitável do Senhor ou o dia da vingança?

# 23, SEGUNDA

# 23, SEGUNDA

O café da manhã, às 7,15, era acompanhado da manchete de "Última Hora", primeira página: OS EVANGÉLICOS PROPÕEM A REVOLUÇÃO CRISTÃ.

Dizia o jornal: "Com uma preleção do Rev. Almir dos Santos no Teatro do Parque, ontem, às 16 horas, foi instalada a Conferência do Nordeste. O ato contou com a presença do governador Cid Sampaio, do representante do prefeito Miguel Arraes, que embarcara pela manhã para o Rio, com representantes dos comandos militares, outras autoridades e o povo em geral... A preleção do Rev. Almir apontou os rumos que deve tomar a Igreja nos dias de hoje. A certa altura citou Kennedy, quando êle dizia que "aquêles que se rebelam contra a revolução pacífica são responsáveis pela revolução violenta". O tema da Conferência era "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro."

A nota continuava. A mensagem repercutira na imprensa. O Evangelho era anunciado em manchete.

**ADORAÇÃO E LOUVOR**

"Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Onipotente, que eras, que és, e que hás de vir. Tu és digno, ó Senhor nosso Deus de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste tôdas as coisas. É pela tua vontade que elas subsistem e foram criadas".

Ao que todos responderam:

"Louvor e glória sejam dados a Deus nos mais altos céus, pelos séculos dos séculos".

Era o culto da manhã, no auditório do Colégio, dirigido pelo Bispo José Pedro Pinheiro, da Igreja Metodista. Na frente dos delegados estava o cartaz ampliado, durante a

noite, pelas mãos hábeis do Rev. William Schisler Filho. Carlos Cunha tocou o prelúdio e os hinos no pequeno harmônio. A litania, em estreita relação com os temas da reunião, continuava com a participação de todos:

"Que a tua Igreja receba poder e sabedoria para traduzir amor em justiça; que possa enfrentar o mal organizado com o testemunho organizado; que a tua graça através da Igreja possa redimir as estruturas sociais, os padrões de ação, assim como o homem e a mulher individualmente".

Assim, diante de Deus, começa o primeiro dia de sessão regular da Conferência.

## CRISTO — A ÚNICA SOLUÇÃO

O Rev. Sebastião Gomes Moreira, da Igreja Presbiteriana Independente, pastor no Rio de Janeiro, foi o primeiro preletor. "Aquilo que quereis que os homens vos façam fazei-lhes vós a êles" — foi o seu texto. A desobediência do homem à vontade de Deus foi o começo do problema. Estamos todos envolvidos na mesma situação de pecado e alienação.

Ao contraste entre a criação de Deus e a queda do homem o preletor associou a desigualdade imensa dos tempos modernos: luxo de alguns, miséria de muitos; os ricos e os explorados; a terra imensamente rica e o povo imensamente pobre; a injustiça social que gera as diferenças de classes. E citou a proclamação da Confederação Evangélica do Brasil, lançada à Nação no princípio do ano.

Como resolver a situação? Mudar de regime de govêrno Não. Pela fôrça? "Não, a fôrça gera a violência". A solução está no mesmo Deus que é o Criador e o Redentor. Jesus Cristo é a única resposta — aquêle "que cumpre com tôda fidelidade as suas promessas para conosco, quer para o tempo, quer para a eternidade".

## OS PROFETAS EM ÉPOCAS DE TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS

O segundo preletor foi o Rev. Joaquim Beato, reitor do Seminário Presbiteriano do Centenário, que falou sôbre as lutas dos profetas nas épocas de transformações políticas e sociais.

Que são os profetas? Quem eram? "Os profetas de Israel não constituem, sòmente, o movimento de mais alto valor espiritual que jamais eclodiu no seio das religiões semíticas; nem sòmente a fase mais criadora e normativa da religião de Israel. Embora não tendo sido os originadores da religião do VT, foram êles que aprofundaram, à luz de novas situações, o conteúdo da revelação mosaica; transformaram uma religião nacional numa religião universal e forneceram a linha principal pela qual o cristianismo se insere na corrente central da tradição judaico-israelita; e é dela, pela mediação do cristinanismo, que receberam o conceito de unidade e propósito na História, e a interpretação da História do Povo de Deus como âmbito e meio específico da revelação divina".

O profeta também não é aquêle que simplemente prediz o futuro. Era, muito mais, o portador da mensagem de Deus, do seu segrêdo. "Eram os únicos capazes de perceber o sentido íntimo dos acontecimentos da história do povo de Deus e os únicos chamados para proclamá-lo a seus contemporâneos".

Depois da apresentação minuciosa do quadro histórico e político do povo de Israel ("o movimento profético em Israel estava associado com a política desde o seu nascimento"), o Rev. Beato exemplificou a atuação dêles nas grandes crises sociais do povo. Os velhos nomes conhecidos (alguns nem tanto) de Natã, Aías, Elias, Eliseu, Isaías, Ezequias, Jeremias, se revestem de nova dimensão diante do auditório atento. Era uma luta de natureza religiosa e política, contra os reis poderosos, às vêzes contra a Nação tôda. Seus atos e pronunciamentos, algumas vêzes estranhos e chocantes, obedeciam à vontade soberana de Deus. Não havia concessões. Ora fica-

vam sòzinhos, como Jeremias, que tomou corajosamente uma posição política arriscada — a entrega do Reino de Judá a Nabucodonosor — porque êste era naquele momento o "servo" de Yahweh, o instrumento do seu propósito da história. A linguagem era poderosa, precisa, não deixava dúvidas: "Metei o vosso pescoço no jugo do rei de Babilônia, servi-o... e vivereis" (Jr 27.12-22).

O estudo é longo. O técnico do Estúdio Evangélico muda a fita do gravador. Além dos delegados, muitos visitantes da cidade compareceram. A reportagem está no auditório, atenta. Os sociólogos presentes acompanham com interêsse a descrição da sociedade israelita e a sua evolução do sistema nômade pastorial para a sociedade agrícola e sedentária e, posteriormente, para a sociedade comercial urbana — quando começam as crises mais agudas, ao lado da grande prosperidade econômica. Os contrastes se acentuam. Palácios luxuosos em Samaria (Amós 3.10), os pobres sendo depenados pelos ricos (Amós 2.8). O pequeno proprietário não tinha vez. Formaram-se os latifúndios.

Houve certa exclamação no auditório — menos pelo fato em si, do que pela semelhança de situações — quando o preletor disse que "os proprietários ricos e os capitalistas novos ricos conseguiam anular o direito de resgate das hipotecas e devoravam homens e terras, mantendo o agricultor na terra como colono ou vendendo-o com sua família com escravo." (Amós 15.11, II Rs 4.1-7)

A contemporaneidade dos profetas parecia um desafio à nossa fé estática e acomodada. Sobretudo quando vimos que êles não se limitavam a condenar, de maneira geral, a estrutura política e social do seu tempo: mas descreviam a situação ao vivo. Retiravam "o véu que encobre as aparências e exibiam, desnuda, a podridão e a corrupção".

O final foi a colocação do problema de nossa responsabilidade como Igreja de Jesus Cristo:

"Que diriam os profetas em nosso tempo? Que fariam? Qual o propósito de Deus para o povo brasileiro? Que testemunho devemos dar diante de nossa presente ordem social? Estas e outras perguntas — que nos devemos fazer sèriamente, se é que somos parte de uma Igreja que, em Jesus Cristo, é herdeira legítima de uma missão profética, para com o mundo contemporâneo — não podem ter respostas pré-fabricadas, mas constituem o desafio que vamos corajosamente enfrentar nestes dias, sob orientação do mesmo Deus que falou "muitas vêzes, e de muitas maneiras, aos pais, nos profetas".

**INTERVALO**

Os grupos se formam e discutem os profetas. Os nossos sociólogos (que vão falar amanhã) conversam com o preletor. Outros vão olhar o painel com os recortes de jornais. Alguns fazem compras na livraria da Conferência. Um dos livros acaba de ser publicado pelo Setor e está com boa saída. É o trabalho de Philippe Maury, "Evangelização e Política", traduzido por Jorge Cesar Mota. A turma da secretaria (que trabalha de dia e de noite), distribui a preleção de Joaquim Beato, mimeografada ninguém sabe quando. Hilda Hees atende aqui e ali, serena e eficientemente. Enos traz os jornais do dia, compra remédios, arranja livros. Maria do Carmo roda no mimeógrafo o primeiro estêncil de uma pilha. Cláudio Jorge conversa com o repórter e acerta coisas importantes para a divulgação. Carlos Cunha, ocupado com a secretaria, pergunta que tal foi a preleção... Mas não espera a resposta:

— Não foi gravada? Depois eu escuto.

E ainda há reuniões de pequenas comissões aqui e ali, enquanto Glênio Vergara, Jacqueline Skiles, e outros, arrumam a sala da exposição que se inaugura à noite.

O intervalo é assim. Intenso movimento, encontros, arranjos e até discussões mais fortes. Que continuam durante o almôço no Agnes e no Americano Batista.

Às 16 horas começamos de nôvo. Vai falar Celso Furtado.

**CELSO FURTADO: O NORDESTE NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO**

"Não vim aqui pròpriamente pronunciar uma conferência, mas sim prestar depoimento franco, objetivo sôbre nossa experiência no Nordeste brasileiro e o que esperamos dêste programa. Vou falar com a minha franqueza habitual, estimulada hoje pelo auditório que tenho diante de mim, constituído de pessoas reunidas pelo mesmo propósito: criar melhores condições de vida para os seus irmãos".

Celso Furtado, jovem, é técnico e administrador de renome. Economista. Nasceu no Nordeste e para lá voltou com o alto pôsto de Superintendente da SUDENE, organismo criado pelo govêrno de Juscelino Kubitschek. Mantido durante os sete meses do govêrno Jânio Quadros, continua no cargo durante o atual. Sua atuação tem sido discutida. O fato é que Celso Furtado deixa os críticos e trabalha. A sua equipe de técnicos é grande e boa.

Qual é o seu pensamento Em que direção orienta o trabalho da SUDENE?

A Comissão Organizadora da Conferência já havia publicado, em folheto, um discurso seu — "Reflexões sôbre a pré-revolução brasileira" — onde o prof. Celso Furtado aponta três razões marcantes que situam o momento brasileiro como tìpicamente, pré-revolucionário, concentrando-se geográfica e socialmente a riqueza produzida e alienando de seu processo as grandes massas rurais que constituem a maioria do povo brasileiro. Essa desordem se manifesta ainda na disposição econômica em que se processa o desenvolvimento, isto é, conduzindo grande parte dos recursos à produção de bens e obras suntuárias que servem ùnicamente ao gôzo de um restrito grupo de privilegiados.

O segundo fator, conseqüência dessa desordem, é a dualidade estrutural da nossa sociedade: de um lado, uma socie-

dade urbana que, em muitas regiões se apresenta em franco progresso, com a renda aumentando dia a dia, e onde as classes operárias vêm obtendo maior participação na riqueza e aumentado seu poder de reivindicação; de outro lado, a massa rural vivendo num regime econômico parafeudal, prêsa à terra, com baixa produtividade, em condições precárias, sem nenhuma ou quase nenhuma participação política, seja no sentido estrito ou no sentido reivindicatório. Como terceiro fator, que vem coroar os outros dois e caracterizar o momento como pré-revolucionário, é a progressiva conscienciatização de todo o país, num movimento que, em contínua ascenção, leva o Brasil a procurar formas novas, capazes de atender às exigências irreversíveis de mudança social, que seria, em última análise, a Revolução Brasileira (1).

O prof. Celso Furtado fala de revolução brasileira em têrmos de uma revolução controlada e prevista. Não alguma coisa que nos será imposta como fenômeno da natureza. Dentro dessa orientação toma o Nordeste como centro de acontecimentos de importância no momento presente. Que é o Nordeste?

A visão folclórica que a maioria de nós formava sôbre aquela região foi completada de maneira científica e realista. Dentro do quadro geográfico e histórico, a situação humana se coloca em têrmos de urgência e de responsabilidade. 23 milhões de habitantes. Dois têrços em terras alheias, como *dependentes,* criaturas sem nenhuma organização política ou social, sêres anônimos, desincorporados da realidade brasileira. Agregados. Moradores. O homem rural do Nordeste é um simples *morador*. Não tem nada. Mora apenas, num abrigo qualquer, sem direito de plantar, ou com direitos limitados pelos salários e pelas terras impróprias. A economia está organizada de tal forma que o mais fraco é quem leva o maior golpe.

---

(1) Resumo publicado na entrevista do Secretário-executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja ao «Jornal do Brasil», Rio, 8-8-1962.

Numa economia capitalista avançada, quando vem a crise e a fábrica se fecha, perdem todos: o dono da fábrica vai à falência e o operário fica na rua, gritando. Mas aqui, não. Aqui é muito mais desumano. Porque, quando vem a sêca, o dono do algodão chama o morador e diz: "Fulano, você está ruim. Não choveu até agora. É dia de São José, você tem que dar um jeito na vida. Aqui está o seu algodão, e eu vou lhe pagar. Você deixa o algodão por minha conta e trata de se arranjar. O govêrno vai abrir frente de trabalho em tal lugar e você vai se arranjando". Então o morador vende o algodão na fôlha, pega aquela quantidadezinha de dinheiro no bôlso — e é o dinheiro que tem para se deslocar. Aquêle dinheiro dá para não morrer no dia seguinte. Então êle enche a sua mochila de qualquer coisa e vai embora.

Uma sociedade constituída desta forma gera tensões. Os técnicos da revolução chegaram à conclusão de que as sociedades crescem em dois sentidos: no sentido da ruptura, da exploração, ou no sentido da auto-solução dos seus próprios problemas.

Palmas prolongadas. Perguntas. Mais de uma hora de debate esclarecedor. O Nordeste é agora o centro mesmo da Conferência. Nós do Sul, que sabíamos? Conhecíamos o nordestino que "se vira" como pode. Ou os *pau de arara* cruzando com os carros da Presidente Dutra. O anonimato dêsse imenso e teimoso potencial humano parece ganhar um nome que me espanta e me desperta para a dura realidade: irmão. Êle é irmão. Senhores delegados, 167 delegados do todo o Brasil e do exterior também.O nordestino é nosso irmão.

## MEDITAÇÃO

### A dimensão social da Ceia do Senhor

Então veio o culto vespertino. O diálogo continuava. O culto é diálogo com Deus. Cantamos juntos:

Tua vontade
Faze, ó Senhor!
Eu sou feitura,
Tu és o Autor.
Molde e refaze
Todo o meu ser,
Segundo as normas
Do teu querer.

O Rev. Curt Kleemann, episcopal, pároco da Igreja do Redentor, do Rio, é o encarregado dos cultos da tarde. Na sua primeira meditação falou sôbre a Ceia do Senhor como o ponto focal de nossa responsabilidade social. Essa relação entre a comunhão e o mundo necessitado se expressa claramente na Igreja primitiva: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações... Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade". (Atos 2.42, 44, 45).

Perseveravam na oração... e distribuiam... Ao lado da oferta de nós mesmos a Deus, oferecemos também pão e vinho que, depois de abençoados, são distribuídos à congregação. E que significam o pão e o vinho, que representam êles senão nossa estrutura social e econômica? O pão e o vinho são produtos manufaturados. Êles constituem um símbolo de nosso sistema econômico eivado de injustiça e pecado; simbolizam, por assim dizer, a vida de todos os que participaram de sua produção. No pão está o lavrador humilde e espoliado que lançou a semente na terra e a colheu. No pão está o senhor da terra e até o latifundiário... (não nos esqueçamos disso para não cairmos no pecado da idolatria, considerando filhos de Deus apenas uma parte da humanidade). No pão está o govêrno com seus impostos, o sistema econômico que o produziu. No pão estão os empregados e empregadores e até as longas filas de pessoas cansadas. Como diz velho ditado: "Qualquer tôlo pode contar as maçãs que há numa árvore;

mas é necessário discernimento e sabedoria para contar as árvores que há numa simples maçã".

Meus irmãos: é preciso discernimento para compreender o profundo sentido que há na oferta de um simples pedaço de pão e de um cálice de vinho a Deus, durante o ofício da Santa Ceia. É preciso compreender que Deus em Cristo aceita esta oferenda com tudo o que ela significa, devolvendo-a para ser distribuída entre os comungantes, para que êstes façam sentir, na sociedade em que vivem, os sinais da redenção que há em Jesus! Enfim, é preciso compreender a dimensão social do ofício da Comunhão.

## EXPOSIÇÃO

### O Artista — servo dos que sofrem

Os refletores da reportagem iluminaram o auditório superlotado, em filmagem que passaria depois pela TV. À mesa estão Jacqueline Skiles, Rev. Ewaldo Alves, presidente da C.E.B., o Rev. Almir dos Santos e o prof. Gilberto Freyre. O orador da noite é o conhecido sociólogo. Jackie explicou o sentido da exposição que se inauguraria daí a pouco, com obras originais de artistas brasileiros preocupados com o homem que sofre. Era a primeira vez que o Setor de Responsabilidade Social da Igreja promovia um *encontro* desse tipo, dentro do âmbito cultural.

Antes de se abrirem as portas da exposição, o prof. Gilberto Freyre fêz o seu desafio aos cristãos evangélicos. Desafio e provocação, como êle mesmo disse, afirmando que "o cristianismo evangélico no Brasil já está na vez de se fazer sentir, como cristianismo por excelência bíblico, na cultura brasileira". Disse que, até agora, só contribuímos com insignes gramáticos (e citou Otoniel Mota, Eduardo Carlos Pereira, Jerônimo Gueiros). "É tempo do cristianismo evangélico ir além. Por que não demos ainda um escritor do porte de Euclides da Cunha, um poeta da grandeza de Manuel Bandeira, um compositor que seja outro Villa Lobos? Também um caricaturista ou um teatrólogo revolucionàriamente evangélico,

que pela caricatura ou pelo teatro denuncie abusos de ricos que para conservarem privilégios de classe pretendem se fazer passar por defensores ou conservadores de tradições religiosas ou mesmo da civilização cristã".

As afirmações do sociólogo, publicadas depois em jornais de vários Estados, deram pano pra manga. Alguns protestavam com nomes de protestantes ilustres. E um dos delegados se divertia nos corredores:

— Até parece que Gilberto Freyre não lê "Manchete"!

Os que sofrem estavam ali diante de nós. Bem na entrada da exposição, um vulto esquálido de mão erguida e espalmada, na concepção dramática da escultura de Abelardo da Hora. Xilogravuras, desenhos, águas fortes, cerâmica popular, óleos. Cândido Portinari, Carybé, Oswaldo Goeldi, Vitalino, Derli Barroso (o único evangélico entre os artistas apresentados). O autor e o seu material — o material humano, doente e triste — nos falam de um mundo onde o artista, para ser fiel à situação do seu próximo, tem que figurá-lo assim disforme e nu.

No folheto preparatório da Conferência ("O artista — servo da humanidade") foi dito que o artista, como servo, "muitas vêzes tem a função profética de apontar e denunciar as injustiças e a malignidade da sociedade, de fazer-se advogado dos réus injustiçados e de clamar pela justiça. Também é dêle a tarefa de levar a humanidade a ver outra vez, no meio da corrupção e da degradação, as manifestações da mão de Deus operando na história para chamar a humanidade à fidelidade aos seus propósitos para o mundo".

# 24, TERÇA

## 24, TERÇA

O programa de hoje, apenas o terceiro dia de reunião, promete três preleções. Duas serão de ordem sociológica, o que traz algumas dúvidas. Nem todo mundo está de acôrdo com o método. Não estamos numa reunião "evangélica"? Para que ouvir sociólogos, técnicos?

Até onde consegui apurar, parece-me que as críticas eram *a priori*. Depois foi mais fácil verificar a importância dêsse tipo de diálogo, já experimentado na III Reunião de Estudos. É verdade que nem sempre se podia acompanhar o esquema do economista ou do sociólogo. Mas foi possível compreender melhor o conjunto da situação brasileira e internacional. E, convenhamos, *êles* também tiveram que ouvir os teólogos... Na verdade, êste tipo de confrontação poderá possibilitar encontros mais realistas da Igreja com a Sociedade. Relembro aqui as palavras de Charles Malik, ex-presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, ao falar da responsabilidade dos cristãos num planeta em transformação. Afirmou que os cristãos devem conhecer os fatos o mais profundamente possível: "Isto significa milhares de horas de trabalho sério e responsável, e inclui especialmente conhecimento das leis de mudança. O cristão não tem, em absoluto, desculpa alguma para ser superficial e sentimental. O pensador cristão deve ser o mais profundo pensador do mundo; seu escôpo é vencer tôda superficialidade de análise". (1)

### A REVOLUÇÃO DO REINO DE DEUS

Mas antes dos sociólogos falou o Rev. João Dias de Araújo, professor e deão do Seminário Presbiteriano do Norte (Recife), sôbre a "Revolução do Reino de Deus".

---

(1) V. «Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade», publicado pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, 1960, pág. 6

Havíamos terminado o culto da manhã e o presidente chamou o preletor. O auditório está repleto. Vários aproveitavam o intervalo para ler os comentários de "Última Hora". O Rev. Almir foi para a coluna de artigos e a Conferência é cumprimentada na seção *"Tiremos o chapéu"*: "Aos líderes evangélicos que, no Recife, estão promovendo a Conferência do Nordeste. Os pastôres, teólogos e estudantes merecem todo o nosso apoio, pelo caráter que imprimiram ao encontro, onde discutem temas do maior interêsse e atualidade, procurando contribuir para a solução dos grande problemas que afligem o povo brasileiro".

Para cessar o movimento e a conversa canta-se o hino "Por nossa Pátria oramos", que se tornou oficial da Conferência.

— Com a palavra o Rev. João Dias de Araújo.

— A revolução que Jesus trouxe ao mundo está revelada no seu ensino sôbre o Reino de Deus" — começou o peletor. E levantou a pergunta: "Que quer dizer Reino de Deus?"

Mostrou o orador que os contemporâneos de Jesus usavam a expressão em dois sentidos e que Jesus rejeitou os conceitos da época, corrigindo-os. Jesus não aceitava a idéia de que entrar do Reino é submeter-se ao Torah. Nem que o Reino se estabeleceria pela fôrça ou pela violência. Também o Reino não era a vitória do judaísmo nem a supremacia política universal dos judeus. Para Jesus, o Reino não era utopia irrealizável, mas uma responsabilidade presente. O Reino estaria presente na terra e não apenas no futuro distante.

Os conceitos de Jesus sôbre o Reino de Deus fornecem as sementes de verdadeira revolução. Estas sementes são: a sobrania de Deus, a relação do Reino com o homem, a relação com a sociedade, a Justiça.

**A SOBERANIA DE DEUS**

Continuou o Rev. João Dias:

"Jesus disse: "meu Reino não é deste mundo" (Jo 18.35).

Isto é, não procede dêste mundo, não tem origem terrena. Não é um reino como o de César, ou de Herodes mas é de Deus." Com a enunciação de tal princípio, Jesus inaugurou a substituição de uma ordem inferior, cujo fundamento é humano, por uma ordem superior cuja base é divina. O Reino de Deus é teocêntrico e teocrático, em contraposição ao reino dos homens, que é antropocêntrico e antropocrático.

"A revolução de Cristo foi a centralização teológica da vida humana. O centro da vida humana foi mudado daquilo que é terreno para aquilo que é divino. O centro da vida humana não é um princípio filosófico, não é um código moral, não é a observância da Lei, não é qualquer pessoa humana por melhor que seja, mas é Deus, o Deus vivo e verdadeiro.

"O Reino de Deus é de Deus. O reino messiânico de Jesus não é apresentado com natureza terrena e política. O Reino depende de Deus e, exclusivamente, de Deus.

Com isso Jesus lançou a revolução espiritual para tôdas as épocas.

"Hoje, a situação internacional, continental, nacional e individual é de grande tensão. Há tensão entre o capitalismo e o comunismo, entre o colonialismo e o imperialismo, entre o nacionalismo e o internacionalismo, entre racismo e o anti-racismo. Na América Latina há tensão entre a luta pelo progresso independente e a luta pelo progresso dependente. No Brasil a crise atinge a tôdas as áreas da vida nacional, e especialmente na realidade chamada — Nordeste. Como discípulos de Cristo e filhos do Reino de Deus, devemos proclamar a soberania de Deus. Êle dirige os povos, Êle dirige os monarcas e os líderes dos povos, mesmo que êles não percebam. Êle dirige seu povo nas crises da História. Êle intervem na História. Deus é o comêço, o centro e o fim da História. Quando chegou à plenitude dos tempos Êle enviou o seu Filho. O fim da História está nas mãos de Deus. A crença na soberania de Deus deve ser o ponto básico da nossa fé na época em que vivemos".

O preletor, antes de responder às numerosas perguntas do auditório, terminou dizendo que "como filhos do Reino de Deus, somos parte da rebelião dos tempos atuais. Devemos estar na vanguarda dos movimentos de transformação do mundo contemporâneo.

## AS MUDANÇAS SOCIAIS

O professor Paulo Singer, economista, e o professor Juarez Rubem Brandão Lopes, sociólogo, ambos da universidade de São Paulo, falaram sôbre as "Mudanças Sociais da História Contemporânea" e "Resistências à mudança Social no Brasil."

O programa avançava dentro de certa linha que convém lembrar. Do ponto de vista teológico, aprendemos o que eram os profetas e o que fizeram na sua época, diante das transformações políticas e sociais; depois vimos a obra de Jesus Cristo. E aguardamos a preleção sôbre a Igreja, completando a pespectiva bíblica (os profetas, Cristo e a Igreja). Do lado sociológico também houve preocupação em estabelecer perspectiva total: as mudanças sociais em geral, as mudanças sociais no Brasil e a situação do Nordeste como exemplo da irreversabilidade do processo de transformação social.

De que forma as mudanças sociais da história contemporânea nos podem ajudar a compreender o processo atual? O professor Paulo Singer mostrou que tais mudanças se verificam pràticamente em todo o mundo, tanto nos países que já têm alto grau de industrialização como naqueles cuja indústria é ainda incipiente. Essas mudanças provêm da passagem da socidedade de tipo predominantemente agrária para outra de economia industrial. É indispensável, portanto, compreender êsse processo de industrialização, que não apenas acarreta mudanças sociais, como faz nascer nôvo regime social. Duas classes se destacam nesse nôvo sistema: a burguesia, isto é, os que se tornaram capitalistas e donos dos meios de produção e, por outro lado, os que ficaram à margem dos

resultados dessa transformação e que trabalhom ùnicamente para sobreviver.

O preletor entrou no problema das relações entre os indivíduos e as classes sociais que, nessa situação, se alterem fundamentalmente. Analisou a revolução russa, que mostrou como é possível um país que não estava participando do processo de industrialização, mudar a sua estrutura econômica num prazo tão curto. "Sem dúvida o processo foi acompanhado dos aspectos mais condenáveis".

O problema da liberdade foi encarado com muita franqueza. Sob determinadas condições sociais e econômicas, a liberdade é um mito. Embora garantida na Constituição e nas leis, ela não pode ser praticada, e é então aproveitada por minoria da população que a usa para explorar os demais e beneficiar-se.

O preletor insistiu que o dilema não é o desenvolvimento sem liberdade ou a liberdade sem desenvolvimento. Tal alternativa é falsa e não é histórica. O que existe é um anseio de desenvolvimento, de se chegar a um alto nível de cultura material, dentro de um grau de liberdade que é proporcional à consciência coletiva que existe no seio da população.

## AS RESISTÊNCIAS À MUDANÇA SOCIAL

E o Brasil? O Brasil está sob o processo de mudança — e é necessário postular uma certa direção em que isto possa parecer desejável, disse o prof. Rubem Lopes. Sua análise das resistências que têm amarrado o nosso processo de desenvolvimento partiu da dualidade da estrutura político-social brasileira. Citou Celso Furtado ("Reflexões sôbre a pré-revolução brasileira") (1) e Jacques Lambert ("Os Dois Brasis"). As desigualdades sociais são patentes dentro do país. A que se deve isto?

---

(1) Publicado entre os documentos preparatórios da Conferência do Nordeste.

Primeiro, ao jôgo das fôrças do mercado, que operam no sentido da desigualdade regional crescente; segundo, aos efeitos regressivos (demográficos, emigração de capitais, etc.) E outros.

O preletor lembrou o caráter patrimonialista do Brasil arcaico e a fraqueza dos esforços da atividade estatal nos países subdesenvolvidos, que não consegue instituir política de integração nacional. Exemplificou citando o processo educacional brasileiro, que está longe de ser uma política de igualdade.

## ASPECTOS DA OBRA EVANGÉLICA

Depois da segunda meditação do Rev. Curt Kleemann, e do jantar, voltou-se para o auditório. A noite fôra dedicada a informações. Coube ao Dr. Cláudio Pereira Jorge, Secretário de Divulgação da C.E.B., organizar o programa.

Falaram: o Rev. Kennedy Maxwell e o Dr. Howard Yoder, dos Estados Unidos, sôbre o Conselho Nacional de Igreja de Cristo e o Comité de Cooperação na América Latina. O Sr. Luiz Odell, sôbre a Junta Latino Americana de Igreja e Sociedade, como seu Secretário-executivo. O Rev. Gustavo Velasco, mexicano, falou sôbre o seu trabalho na Casa Unida de Publicações. A Sociedade Bíblica do Brasil foi introduzida pelo Rev. Ewaldo Alves, seu Secretário-geral. E o Dr. Jether Pereira Ramalho falou sôbre a Confederação Evangélica do Brasil.

Evidentemente não era um quadro completo. A obra evangélica em geral abrange outros movimentos, tanto no Brasil, como no Exterior. Aliás, a idéia original era um estudo mais amplo do protestantismo brasileiro, com dados sôbre números de crentes, instituições, tendências, etc. Trabalho que sòmente poderá ser feito depois de pesquisa cuidadosa.

## A NOITE É FRESCA E LONGA

Tinha impressão de dever cumprido... Ou então era necessidade de arejar. Quando saí, com alguns companheiros,

já havia outros esperando o confortável ônibus elétrico. Na Sertã encontramos mais delegados que conversavam e riam. O dia fôra longo e fornecia material inesgotável para conversas sem fim. A riqueza dos temas, as reações daqui e dali, a expectativa da outra metade da semana. E os deliciosos sorvetes do Recife: mangaba, pinha, cajá, graviola.

Mas a noite é fresca e longa. Vamos à Boa Viagem? No fim da avenida de casas bonitas, as luzes se acabam. Começam então os pequenos quiosques com os vendedores de côco. Bebe-se a água, depois abre-se o côco e raspa-se o creme branco. O preço surpreendeu: Cr$ 30,00. Sobretudo, porque alguns parecem não vender muito, largando-se a dormir ao lado da lamparina de chama grossa e esfumaçada. A areia dura, o mar, as jangadas tombadas dormindo de lado, na espera silenciosa do dia seguinte para a viagem longa e arriscada atrás dos peixes. Tôda aquela paisagem — o que se vê e o que se adivinha — fala do homem que a transformou. E que talvez não saiba o que fazer ou como viver na sua rápida transformação social.

A generosidade da noite longa e calma — que parece apagar todos os problemas de uma época revolucionária — se contrasta com o nosso próprio mundo. Tudo aquilo era apenas beleza e curiosidade para nós. Fui dormir perguntando se não éramos simples turistas, alienados, sem compromisso.

25, QUARTA

## 25, Quarta

Às 8 horas começou o culto de louvor. O dirigente, Rev. Arpad Grid-Pap, orou assim:

"Em tuas mãos, Senhor, nos entregamos hoje. Dá a cada um de nós um espírito desperto, humilde e inteligente, a fim de que busquemos conhecer em tudo a tua vontade, e , uma vez tendo-a conhecido, cumpri-la perfeita e alegremente, para honra e glória do teu nome. Dá-nos a companhia da tua presença neste culto. E permitas que êsse espírito de adoração, que essa angústia de descobrir a tua vontade nos acompanhe durante todo o dia. Por nosso Senhor Jesus Cristo. Amém".

O programa da manhã era livre. Isto é, atividades extra. O Grupo de Arte e Comunicação proporcionou aos delegados um Seminário no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Embora o prof. Paulo Freire, diretor do Serviço, não pudesse comparecer, ali estiveram dois professôres da Faculdade de Direito, um da Faculdade de Filosofia e dois da Escola de Biblioteconomia da Universidade, além de alguns funcionários do Serviço. Em companhia do presidente da Conferência, Rev. Almir dos Santos, o grupo debateu por cêrca de duas horas aspectos da relação da Universidade com o povo em geral. De que forma os resultados da pesquisa da comunidade universitária teria relacionamento com o povo? E como a Universidade poderia se informar das verdadeiras necessidades e problemas do povo? Discutiu-se também a atual situação da universidade dentro do problema maior da reforma das estruturas da sociedade brasileira. Por fim, o debate relacionou-se com a preocupação de situar a responsabilidade do cristão frente aos problemas nacionais em geral e especialmente frente às soluções apregoadas por grupos e correntes ideológicas e políticas.

## A CIDADE E A CONFERÊNCIA

Muitos delegados foram, pela primeira vez, conhecer a cidade. Qualquer pessoa da rua podia identificá-los por causa da miniatura que carregavam na lapela, com o nome, cidade, igreja e o desenho do cartaz.

Alguns estão no mercado comprando objetos de cerâmica. Desde cenas humorísticas até grandes tragédias e ansiedades do povo estão gravadas no barro. Saio com um de Vitalino, conhecido pelos olhos brilhantes e espantados dos seus bonecos, os mesmos olhos para os homens, as crianças e os burrinhos e cães. É uma cena de retirantes. Parece que se movem, peregrinando rumo à promessa das cidades grandes.

Outro grupo foi ver as velhas igrejas. Muita coisa da história política do Estado aconteceu à sombra da Igreja. A expulsão dos holandeses... Mas o comovente são as inscrições das pequenas esperanças dos que enterraram seus mortos nas igrejas ou cumpriram promessas difíceis. "O que na Europa é luxo — diz Gilberto Freyre (1) — reservado aos reis, no Escurial, e aos grandes poetas e aos sábios e estadistas na Abadia de Westminster e no Pantheon, nesta boa Cidade que o turista está vendo foi até pouco tempo direito de todo burguês devoto de Nossa Senhora". Conta ainda de um recifense que ficou bom do pé doente. Em pagamento mandou fundir o maior sino de igreja que Recife já viu, o da Matriz de São José, com 24 arrobas de pêso e um som que chega até o Tigipió.

Mas êstes fatos, e os casamentos, batizados, enterros, só se mostram para quem vai buscar o lado humano encravado nesses monumentos barrocos e românticos. Noutro canto da cidade, as igrejas de Olinda despejam tôda a sua poesia pitoresca num perder de vista para o mar que esta comendo suas praias.

---

(1) «Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife», Coleção Documentos Brasileiros, 2.ª edição, pág. 77.

A paisagem humana, a agitação social que parece paralizar-se na imobilidade dos monumentos, continua. É parte do processo revolucionário. Antes, a igreja chegava para abafar as vozes descontentes; agora ela tem que descobrir uma linguagem nova se quiser que a escutem. Não basta o gesto silencioso da esmola; é preciso ouvir, dialogar humildemente. O tema da Conferência — Cristo e o processo revolucionário — quer dizer isto. A cidade está diante da Conferência e da Igreja. Que esperam os seus moradores? Dentro de que condição e estrutura vivem? Recife é como Nínive, "cidade mui importante diante de Deus" (1).

Trancrevo algumas observações e diálogos que Josué de Mello, um dos membros da equipe do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, colheu na cidade:

1. Dona Julieta — tem 19 anos. Casou aos 15 anos, fugida. Há dois anos que foi abandonada pelo marido. Veio do interior servir de empregada doméstica na capital. Agora está sem emprêgo. Paga Cr$ 400,00 de aluguel do barraco onde mora na companhia de uma tia. Está à procura de um homem que possa sustentá-la, mas não o encontra. Disse: "sou sem sorte". Não tem religião e está descrente dos podêres públicos. "Não sei em quem votar porque como faz um como outro. São tudo uns miseráve explorões."

2. Dona Martinha — tem 9 filhos. Mora na favela há quinze anos. Em casa só o marido trabalha. Paga Cr$ 900,00 de barraco. Os filhos não estão na escola porque não têm roupa. Dois dos quais já são rapazes e vivem desempregados. Ela está revoltada com tudo e com todos. Disse: "Já não agüento mais. Eu vou começar a roubar. A dor da fome é muito dura. Estou doida que o comunismo chegue, pelo menos vai tirar cabedal de muita gente".

3. Numa esquina encontrei uma mulher chorando. Chorando porque não tinha "de comer" para os seus três filhos.

---

(1) Jonas 3.3.

Tem uma filha casada que mora numa favela do Rio. Quer ir pra lá, morar com a filha, pelo menos não passa fome. Tem um barraco e quer vender por 30 contos, mas não acha nem a metade.

4. Dona Francisca — mora num quarto pequeno construído de tábuas de caixão. É imundo. Dentro havia uma cama de páus e varetas estendidas, um caixote, trempe e panela vazia. No centro havia um montão de cascas de laranja e cana, coberto por mosquitos. Paga Cr$ 300,00 de aluguel do barraco. Recebe êste dinheiro de um sobrinho. Não tem emprêgo e vive de pegar caranguejo. A salvação é que o mangue fica bem em frente ao barraco. Mas o pior é que dona Francisca recebeu agora uma nora (abandonada pelo marido) com seis filhos. Naquele quartinho pequeno e sujo da rua das flôres mora dona Francisca, com nora e seis netos. Disse-me a velha que estava sem comer há dois dias. É membro da igreja batista. Não recebe nada da igreja, tem vergonha de pedir e de falar na sua situação para o pastor.

5. Uma senhorita disse que o seu problema é um rapaz para casar. "Na favela não tem rapaz; os meninos quando vão ficando grande vão embora e a gente fica sem nada. E mesmo eu não tenho sorte porque todo namorado que arranjo as amigas tomam".

6. Entrei no barraco de um solteirão. Barraco pequeno e sujo. Muitos retratos de santos e uma vela queimando. Queima a vela para não deixar os santos no escuro. Trabalha como faxineiro numa "casa da cidade". É uma vida vazia. Veio do interior para melhorar e agora não pode e tem vergonha de voltar para o seu meio.

7. Em seguida vi uma "fábrica de pamonha" com cinco operários. O dono da "fábrica" é tão paupérrimo quanto os operários. Estavam conversando sôbre Julião e o "levante". Um dizendo que queria revolução, outro dizendo que não, porque vindo a revolução não podia mais vender suas pamonhas. E daí todos morreriam de fome.

8. Vi também uma velha numa cacimba a vender uma lata d'água por Cr$ 1,00. A água é revendida com um lucro de quarenta centavos em cada lata. Com uma renda semanal a velhinha compra "comida" para dois dias na semana.

Em todos os barracos havia lama. O chão úmido; e quando a maré está cheia os barracos também ficam cheios d'água. Em todos havia retratos de santos, principalmente São Jorge e Santa Tereza. Tôdas as famílias vieram do interior a procura de melhora. A retirada delas do interior se deve, sobretudo, ao problema agrário. A Igreja e o Estado, para êles, nada representam.

Deixo aqui o relatório do Josué. Pelas ruas as faixas eleitorais anunciam milagres próximos.

## A MISSÃO TOTAL DA IGREJA

Com a preleção do Bispo Edmund Sherril, da Igreja Episcopal Brasileira, o dia de hoje marcaria o final dos estudos de orientação para o trabalho dos grupos. Amanhã entraríamos nas discussões práticas, com o objetivo de fazer sugestões e recomendações às igrejas e aos crentes em geral. Qual seria a palavra do Bispo? De que forma a Igreja exerceria a sua missão total numa sociedade em crise?

A preleção do Bispo deixou muita gente boquiaberta. Não se sabe bem por quê. Talvez se esperasse um libelo contra a injustiça e a desigualdade social em têrmos veementes. Mas o fato é que o Bispo não fêz concessões. Leu o seu discurso no tom pastoral de sempre e reafirmou a suprema importância de uma Igreja que vive como tal e exerce o seu ministério de adoração e testemunho. Foi extraordinário para muitos de nós a dimensão em que o preletor pôs os sacramentos. A vocação da Igreja não é a de assumir o comando ou o contrôle dos processos de vida do mundo, "mas de penetrá-los sacramentalmente, pela intercessão constante e por meio de vidas sacrificiais".

Mas são êsses pontos, justamente, que nos obrigam a confrontar o mundo como êle é. "A técnica de produção, adequadamente aplicada aos recursos naturais existentes, possui o poder de modificar radicalmente as condições básicas de vida das massas em todos os continentes. A maior parte dos homens ainda não foi atingida por esta revolução. Vive sob condições injustas, precisamente porque conservamos em nossas mãos os meios para aboli-las. Especialmente no Brasil, país grandemente abençoado pelo Criador, não é mais possível tolerar a pobreza, a doença, o analfabetismo, enfim, todos os males que em outros tempos se pensou serem condições permanentes da existência humana. Nada disto se justifica, razão por que nada disto pode permanecer. Torna-se um imperativo religioso e moral nos associarmos de maneira positiva ao processo histórico e revolucionário da nossa época".

O Bispo disse também que o imperativo da hora presente, para os cristãos, é o de relacionar a sua fé com os eventos revolucionários de nosso mundo; e que as bases teológicas para essa atuação estão na doutrina de Deus, Criador, Redentor e Santificador do mundo. Mas a tarefa total da Igreja precisa ser feita pelo povo de Deus como todo. "A missão da Igreja não cabe apenas aos ministros ordenados, nem às assembléias eclesiásticas, nem aos setores de uma Confederação Evangélica, nem a uma Conferência do Nordeste. É a responsabilidade de todos os que crêem. O reconhecimento de tal responsabilidade implica numa devoção mais fervorosa e mais completa. Precisamos ser um povo orientado teològicamente, conhecedor das Escrituras, e constantemente achado em oração não apenas pela salvação das nossas almas mas pela redenção do mundo. Precisamos ser um povo unido em tôrno do Cristo, única esperança da humanidade. Precisamos ser um povo que vive o Evangelho, cada um de nós na sua própria vocação e ministério, em liberdade e em responsabilidade".

Reconheceu o preletor que êstes pontos, para se tornarem efetivos, precisam de uma revisão na estrutura da Igreja.

"O cumprimento dessa missão, sem dúvida alguma, implica na modificação radical de muitos dos nossos métodos de evangelização e de testemunho. As transformações sociais causam a emergência de novas estruturas da vida comunitária, alheias às formas tradicionais das Igrejas. A Igreja fica alienada dos setores decisivos da vida, como prisioneira de estruturas ultrapassadas e inúteis".

## MEDITAÇÃO

### Um homem chamado bonhoeffer

As perguntas ao preletor foram até a hora da meditação da tarde, quando o Rev. Curt Kleemann anunciou que ia estudar com os presentes alguma coisa da vida extraordinária de Dietrich Bonhoeffer, o pastor e teólogo que morreu fuzilado num campo de concentração na Alemanha nazista, aos 42 anos de idade.

Foi curiosa e positiva a experiência de trazer para a nossa Conferência a pessoa e os pensamentos de um homem que morreu por causa de sua fé — que o levou a protestar em palavras e em atos contra a tirania do totalitarismo. Uma vida assim, que experimentou primeiro a paz dos templos, e depois a luta social e política da sua época, pode falar com poder sôbre a totalidade da fé. Eis alguns pensamentos de Bonhoeffer sôbre a participação:

"Um ato religioso tem sempre algo de parcial, enquanto que fé é sempre alguma coisa total, que envolve a vida como um todo. Jesus não chama os homens para uma nova religião, mas chama-os para a vida. Qual é a natureza dessa vida, senão a participação da ação de um Deus sofredor no mundo?

"O cristão não é um *homo* religioso, mas é um homem simplesmente, assim como Jesus era um homem e foi comparado várias vêzes com João Batista e outros. Não estou falando do mundanismo dos faladores, dos sempre ocupados com vida social, dos lascivos e acomodados. Participar é algo bem mais profundo, algo em que o conhecimento da vida, morte e

ressurreição estão sempre presentes. É vivendo totalmente no mundo que aprenderemos a crer.

"É preciso que, de uma vez por tôdas, abandonemos as tentativas de nos tornarmos alguém diferente no mundo — sermos santos, pecadores, convertidos, membros da igreja, justos ou injustos, etc. O que desejo dizer é que é preciso tomar a vida como ela é, com suas experiências e becos sem saída, com suas falhas e seus sucessos. É nesse tipo de vida que nos atiramos nos braços de Deus e participamos do sofrimento de Deus no mundo e assim estaremos velando com Cristo na hora de Getsêmani. Isto é fé e isto é que faz o homem um cristão.

"Se participarmos do sofrimento de Deus pelo mundo, o sucesso não poderá nos tornar arrogantes, nem o fracasso nos tornar desiludidos. Que Deus, na sua misericórdia, nos guie através da situação presente, e acima de tudo, que Deus nos una para mais perto dêle".

## A FORMA É O DIÁLOGO

Muita coisa continuou durante a noite meio livre. Principalmente os encontros de pequenos grupos, onde as experiências do dia eram narradas. Não foi possível, evidentemente, colhêr os temas de todos êsses encontros. Mas acho que não me engano se disser que as conversas giraram em tôrno da cidade — a cidade vista e sentida através das preocupações dêstes dias, a cidade encarnada nos grandes temas da Bíblia como razão dos discursos e da luta dos profetas, de Jesus Cristo e de sua Igreja.

Sabem? Mesmo os que não creem param para pensar no significado de nossa *intervenção* no mundo. Essa foi a experiência da reunião do Recife e será a nossa, cada dia, se falarmos e agirmos no mundo à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo. Fiquei pensando nisto por causa de alguns fatos que presenciei ou que me contavam.

Um dêsses fatos, vários aliás, vieram a mim pelo Torquato Marques dos Santos. O Torquato é o mesmo homem simples

que conheci há mais de dez anos atrás nessa mesma Recife. No seu contacto diário com a vida comercial da cidade e, pela natureza do seu trabalho, com pessoas do mundo dos negócios, Torquato sente o reflexo da luta ideológica em outro tipo de ambiente. Diàriamente êle comentava as reações da sociedade ao que se passava na Conferência — e foi um intérprete, para muitos dos seus representantes, do que estávamos fazendo no Colégio Agnes Erskine.

Ao atravessar uma rua, procurando condução no movimento das 18 horas, dei com o Esdras Borges Costa e com o José Geraldo, que me apresentaram um dos técnicos da SUDENE. Lamento não ter anotado os comentários que fêz sôbre a Conferência do Nordeste. A tantas perguntei:

— Mas como sabe você tudo isto da Conferência?

— Estou lendo nos jornais — respondeu naturalmente, sem saber o quanto isto significava para nós da igreja, que sempre afirmávamos que não tínhamos vez na imprensa.

Ao chegar ao Colégio encontrei o Rev. Richard Smith, missionário norte-americano, há anos trabalhando entre mineiros na cidade sulina de Cresciúma. Estava eufórico. Havia visitado a Sede das Ligas Camponesas, no Engenho da Galiléia, e conversado com alguns dos líderes do movimento.

A forma é o diálogo, o encontro. Entre nós e nosso com o mundo. Se tememos isto, acabaremos falando para nós mesmos; ou, quando muito, para uma congregação estática. O monólogo acentua a autoridade; o diálogo cultiva o Poder.

Esta quarta-feira, no meio da Conferência, foi um bom treino para amanhã, quando os grupos de estudo vão se reunir. Muitos delegados já começaram hoje. Jether Ramalho está em reunião do seu Departamento de Ação Social, com representantes de denominações e Estados. O Francisco Pereira de Souza trabalha com o seu grupo do V Encontro de Lideres.

Boa noite.

26, QUINTA

Alguns perguntavam, na hora do café, como fôra a sessão da noite passada. O programa anunciava "aspectos da vida brasileira através do cinema". Fôra outro trabalho do grupo de Arte e Comunicação, para mostrar como os meios técnicos e artísticos podem servir de veículos para o despertamento da consciência do povo e das autoridades. Os filmes mostraram "Sêcas — Odisséia do Nordeste" (Rosemberg), Coisas do Brasil (Vale do São Francisco), Lagoa Grande e Vale do Rio Amazonas (Ambos do SESC).

— Viu o jornal? Segunda página, manchete: "BISPO EVANGÉLICO: IGREJA NÃO PODE CONFORMAR-SE COM A EXPLORAÇÃO":

Corri os olhos. O matutino destacava um dos pontos que foi a resposta a perguntas sôbre a relação das igrejas com a obra social. Dizia a nota: "O Bispo manifestou-se contrário à manutenção, pela Igreja, de colégios, hospitais e instituições, sob a alegação de que tal mister desvia os evangelistas da sua função precípua, qual seja, a de trazer os homens ao reconhecimento e à presença de Deus. Pela mesma razão, manifestou-se contra a criação de um partido político cristão, conforme se pretende em São Paulo, pois não é função da Igreja mantê-los".

## FRONTEIRAS DE AÇÃO DA IGREJA

Cabe-nos, no entanto, agir em tôdas as fronteiras. Para citar ainda o Bispo Sherrill, deve haver verdadeira infiltração evangélica em tôdas as classes sociais e entre os que pregam e tentam a transformação do país. Como o faremos? Que fronteiras são essas?

É claro que fizemos seleção. Dentro da categoria geral de uma fronteira econômica e uma cultural, foram escolhidos seis campos onde é urgente a ação dos crentes. Na fronteira cultural, o campo educacional, o estudantil, e a arte e comu-

nicação. Na fronteira econômica, o setor urbano, o industrial e o rural. Haverá outros campos onde é sumamente importante a presença cristã. Mas êstes oferecem desafio imediato e estão cercados de problemas cruciais.

E a política? Não entra? A política permeia todos êsses setores. Em cada um dêles é analisada a importância de participação ativa na política e compreensão do seu significado no mundo moderno.

Também é importante o método de trabalho que a Conferência seguiu em relação à segunda etapa dos seus trabalhos. Houve primeiro uma reunião geral, quando o coordenador do trabalho dos grupos (Waldo Cesar), falou sôbre as *novas formas de ação da Igreja numa época revolucionária.* Depois os delegados se dividiram em dois grandes grupos, constituindo as fronteiras cultural e econômica.

A seguir se subdividiram nos seis grupos de estudos.

Que iam fazer? Qual era a tarefa dos grupos de estudo dentro dessas fronteiras?

**PARA QUE NÃO DIGAM: COMEÇARAM E NÃO SOUBERAM ACABAR**

Primeiro li aquêle texto em que Jesus pergunta qual é o homem que vai construir uma tôrre e não faz os cálculos para ver se tem com que acabar a obra. Senão êle será motivo de zombaria. Ou qual é o rei que vai contra um exército mais poderoso do que o dêle e aí tem que aceitar condições humilhantes de paz? (Lucas 4.25-33). O texto nos fala de uma forma de relação ética para com o mundo e as coisas — aquilo que devemos fazer quando planejamos, construímos ou lutamos. Os elementos da vida diária, assim como da vida nacional, estão presentes nessa narrativa singela. E para sermos fiéis à verdade que Jesus queria ensinar, devemos levantar algumas outras perguntas:

Primeira: como falamos de reformas (e o têrmo é muito nosso) se não estamos dispostos a estudar e a agir nas refor-

mas de base de que o país necessita e, se necessário, reformamo-nos outra vez?

Segunda: como admitimos que o nosso povo deve comer tão bem quanto nós e nos limitamos a distribuir alimentos?

Terceira: pregamos participação ativa na política. Como, então, mandamos para a Câmara homens alienados?

Quarta: se falamos na revolução das mudanças de estrutura (Cristo e o processo revolucionário brasileiro) não podemos compactuar com o comunismo ou marxismo. Nós — e não elês — somos os verdadeiros revolucionários. "Hoje a situação do cristão no mundo é revolucionária. A sua parcela na preservação do mundo é a de ser uma fôrça revolucionária inesgotável... Para que se possa preservar o mundo torna-se necessário que uma revolução genuína aconteça" (1).

Os grupos de estudo da Conferência de Nordeste devem responder a essa pergunta fundamental: que deseja Deus de nós na presente situação brasileira?

Para que não venham e digam: êstes começaram e não souberam acabar.

## A NOSSA REVOLUÇÃO

As igrejas não estão unânimes na sua forma de ação perante as situações de crise social. Têm sido relativamente simples e elementares as suas respostas. Em algumas épocas e lugares foi-se ao exagêro da união da Igreja com o Estado, ou à tentativa da formação de sindicatos ou partidos cristãos, ou ainda à criação de um *Corpus Christianum;* em outras situações há recusa total em participar de estudos sôbre a questão social. Em relação a esta Conferência, por exemplo, um grupo rejeitou o convite em vista de "resolução existente desde o início desta obra em nosso país, por meio de cuja resolução só podemos participar de empreendimentos, reuniões

---

(1) Jacques Ellul, «The Presence of the Kingdom».

ou movimentos religiosos estritamente concernentes a nossa Fé".

No entanto, nesta IV Reunião de Estudos, falamos em *processo revolucionário*. Que revolução é esta? Trata-se de mudança das estruturas arcaicas e iníquas em que vive o nosso povo. Nós deveríamos andar na vanguarda dos movimentos de renovação. Temos todos os elementos para isto. Cito apenas a frase quase irônica de Karl Barth, ao falar da esperança que Cristo nos deu, como "a esperança mais revolucionária que se pode conceber, ao lado da qual tôdas as outras revoluções não são mais do que miseráveis foguetinhos..."

## FORMAS DE AÇÃO

O auditório parece ansioso para começar o trabalho dos grupos. Lembrei que o ponto central da sua tarefa era a descoberta de formas de ação específicas e adequadas — a começar da igreja local. Quanto pode ser feito por um grupo desperto e preocupado pela situação de sua cidade, bairro ou povoado! A igreja — disse Miguez Bonino — não é uma sociedade comparável com as outras: é uma forma de viver no mundo. E se levarmos a sério a nossa responsabilidade, é possivel que isto nos obrigue a considerar a fundo a questão de estrutura da igreja local. Ainda Miguez: "Se a Igreja existe por causa de sua missão no mundo, nenhuma estrutura é em si mesma sagrada".

Temos que permear tôda a obra da Igreja com o senso de missão. Sòmente isto permitirá um verdadeiro ingresso no mundo de hoje e a descoberta de formas de ação adequadas.

## EXPECTATIVA

As seis salas estão prontas para o trabalho dos grupos.

Na porta há indicação do grupo que se reunirá, cada um com 20 a 25 participantes. Os dirigentes e assessôres se encontraram mais de uma vez com o cordenador. Os preletores, e outros elementos especialmente indicados, formam o grupo de assessôres.

Hoje até parecia que a Conferência se acabara. Os visitantes, na sua maoria, desapareceram. Era natural que se interessassem mais pelas preleções. Os delegados entraram nas salas dos respectivos grupos, diminuindo o movimento nos corredores. Às vêzes ia dar uma olhada. Outras, fui chamado para resolver questão de ordem. Mas bastava entrar numa das salas e era difícil sair, tal a natureza do trabalho, das perguntas, discussões. Algumas teses faziam o grupo ferver — e o dirigente às vêzes resolvia tudo na base da votação.

Agora, cada um está entregue a uma tarefa definida. Não se sabe o que está acontecendo em cada campo — estudantil, rural, arte e comunicação, etc. — e uma certa expectativa domina o grande colégio. Durante as refeições sempre se pega uma ou outra parte das discussões que não terminavam dentro do horário ou das afirmações que encontravam objeção mais forte.

Para diminuir a tensão — (os Revs. Dorival Beulke e David Malta discutem com garfo e faca na mão) — outro reverendo conta uma anedota para a sua mesa. As outras também querem rir e o Rev. Almir (era êle) vai para o meio do refeitório. A risada geral desperta a mesa dos americanos. Alguém repete a história para a Bárbara Hall e ela parece que põe tudo no inglês. Disseram que o Beulke disse que êles iriam rir só na outra refeição.

## O TEATRO COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

À noite, no Santa Isabel, assistimos à peça do Teatro de Cultura Popular intitulada "Julgamento em Nôvo Sol". Era um descanso do tipo de trabalho que vínhamos tendo e tentativa de ver como um grupo "engajado" expressava a sua preocupação em forma dramatizada. "Nossa intenção — dizia o programa — foi retratar um aspecto da vida do homem brasileiro".

A peça, que foi discutida no dia seguinte com o seu diretor Nelson Xavier (que é um dos autores), representa a revolta de camponeses contra o dono de uma fazenda, por mo-

tivos de fome, perseguição e miséria. O fato ocorreu verdadeiramente no interior de São Paulo. Apesar das restrições de alguns delegados, a história ofereceu bases para avaliação da importância do teatro na divulgação de idéias e na formação de uma nova consciência entre o povo, para o qual ela foi escrita. Mostrou também o quanto deveríamos fazer, como cristãos, nesse campo imenso de possibilidades que o palco oferece. Foi uma das coisas que o Rev. Charles Clay disse, afirmando que apreciara muito a peça e que tentaria fazer algo parecido, com solução cristã.

27, SEXTA

## 27, SEXTA

### AI DOS QUE JUNTAM CASA A CASA

De nôvo, no comêço do dia, hoje sob a direção do Pastor Helcio Lessa, nos encontramos no culto de adoração.

"Nosso auxílio vem do Senhor, que fêz o céu e a terra. Prostrai-vos diante do Eterno, na beleza da sua santidade. Tremei diante dêle todos os moradores da terra".

Depois do cântico de um hino, o oficiante convidou a congregação a continuar o louvor. As palavras que ouvíamos pareciam marcar de forma nova e profunda a nossa relação com o mundo confuso que nos cercava. Era um culto que nos fazia responsáveis, diante de Deus e dos homens, pelos acontecimentos.

"Tu visitas a terra e a refrescas; tu a enriqueces com o rio de Deus, que está cheio d'água; tu lhe dás o trigo, quando assim a tens preparado. Enches d'água os seus sulcos, regulando a sua altura; tu a amoleces com muita chuva e abençoas as suas novidades".

Por um momento pensei no flagelo da sêca, nas crianças machucando os pés na fuga sem fim pelo deserto da caatinga. Os leitos dos rios a descoberto, a areia tostando debaixo do sol, os olhos doendo com a luz que invade todos os cantos áridos da terra.

"Louvamos-te, Deus Todo-poderoso" — repetiam as vozes em uníssono.

"Caros irmãos — disse o oficiante — a vontade de Deus é que vivamos como servos uns dos outros, que amemos todos os homens, que demos pão a quem tem fome, água a quem tem sêde".

Mas há tantos recursos nesta terra dadivosa. Certamente não temos olhado para os retirantes como para criaturas de

Deus, que também merecem o confôrto que temos, resultado de novas técnicas e de muitos recursos. Deus dá a todos — mas alguns tòmam sòmente para si mesmos.

*Oficiante*: "Tu que disseste: Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem campo a campo até que não haja mais lugar, e fiquem os únicos moradores no meio da terra; perdoa que sejamos indiferentes ao fato de que tão poucos possuam tanta terra em detrimento de tantos outros dos seus filhos."

*Congregação*: "Perdoa-nos, Deus Todo-poderoso".

*Oficiante*: "Quando temos mêdo de clamar contra os que diminuem o salário dos trabalhadores que ceifam suas terras, para que possam viver luxuosamente, comendo o seu pão do suor dos rostos alheios".

*Congregação*: "Perdoa-nos, Deus Todo-poderoso".

*Oficiante*: "Quando agradecemos o pão em nossa mesa e não nos lembramos daqueles que lavraram a terra e semearam a semente e colheram o produto que nos ofereces em nossa mesa cada dia".

*Congregação*: "Perdoa-nos, Deus Todo-poderoso".

## AS IGREJAS E A SOCIEDADE

Enquanto os grupos de estudo se reuniram — e hoje isto aconteceu o dia todo — vou para o escritório reexaminar, com o Carlos Cunha, a semana que está quase acabando e tomar as providências finais. A primeira relação de participantes está pronta, várias preleções mimeografadas, contas para acertar, a turma da secretaria visìvelmente exausta.

Sôbre a mesa encontro os jornais do dia. Um dêles conseguiu furar o caráter mais ou menos reservado do trabalho dos grupos informando que "o artista cristão deve ter dupla missão: ser profeta e sacerdote. Isso foi o que decidiu o grupo de Arte e Comunicação durante os trabalhos de ontem da Conferência Evangélica do Nordeste. Profeta quando na enuncia-

ção, através de sua arte, da mensagem de Deus para a nova ordem social. Sacerdote em ser servo do povo nas suas aflições e necessidades. Referindo-se ao assunto, um dos delegados disse que não poderia ser diferente a responsabilidade de um artista numa época de crise, embora, naturalmente, arte abranja mais do que uma preocupação social, humanizadora do homem e que nunca deve ser confundida com propaganda. O grupo urbano debateu o relacionamento da Igreja com o Mundo. Acham os evangélicos que êle deve ser feito pela ação individual dos membros da Igreja, bem como pela ação da Igreja como organismo total: Para o triunfo final é, necessário que os religiosos tenham consciência dos problemas brasileiros e que os membros da Igreja ajam nas esferas específicas das atividades que cada um exerce na vida social. Os componentes do grupo urbano tentaram reexaminar o conceito de ação social, chegando à conclusão de que uma assistência social sem a politização dos indivíduos não satisfaz. Essa politização, deve processar-se não só no plano da comunidade social, mas também no plano nacional e internacional".

Outro jornal anunciou que "o vice-presidente do Rotary retornou ontem de São Paulo, e convidou os interessados a participar da Convenção Evangélica do Nordeste, ora se realizando nos colégios Agnes Erskine e Nóbrega. Salientou que na aludida convenção estão sendo discutidos os problemas sociais do nordeste, obedecendo a todos os critérios cívicos e cristãos".

O Colégio Nóbrega entrou aí por engano. Mas o fato me lembra o interêsse com que elementos leigos e do clero da Igreja Católica Romana acompanharam os trabalhos da Conferência. Algumas freiras pediram mesmo licença para assistir a uma sessão do grupo de arte e comunicação. Uma delas era artista e queria saber de que forma estávamos relacionando a arte com a situação social. O Messias, a Maria Luiza Nogueira e o Claude Labrunie encontravam-se, em Olinda, com o arcebispo. Almoçaram juntos e responderam a perguntas que mostravam o interêsse do prelado católico.

Todo êsse esfôrço de uma semana que vai no fim — não se deve perder essa perspectiva — está no plano de um trabalho de mais de seis anos no Brasil. O fato decisivo é que as igrejas em geral sentem a necessidade de uma relação mais vital com a sociedade, de forma que o Evangelho possa permear os acontecimentos e contribuir para o estabelecimento de novas formas de vida para o nosso povo. A Conferência do Nordeste é um dos esforços mais amplos nesse campo, dado o seu caráter nacional e a participação de tantas denominações. Mas há outras tentativas de análise e solução dos problemas sociais brasileiros.

Entre os papéis que encontrei na minha mesa havia dois dentro dessa preocupação. Um do Conselho de Ministros Evangélicos do Ceará, que fazia pronunciamento sôbre a reforma agrária. O documento é longo e não pode ser todo transcrito. Mas destaco parte dos seus considerandos (baseados no livro de Dr. Lourenço Mário Prunes, "A Reforma Agrária Integral"):

dos oito e meio milhões de quilômetros quadrados do Brasil, dois e meio milhões pertencem a particulares e seis milhões à Nação e aos Estados;

o Brasil tem cêrca de onze milhões de agricultores e, dêstes, 35% são proprietários de terras, e só 47% não possuem terra;

as terras do Brasil, em que se explora a agricultura, não excedem 6% do seu total, sem exceção do Ceará;

mais de cem mil proprietários de 5 a 50ha de terras no Rio Grande do Sul, vivem em extrema penúria por não auferirem de suas terras o indispensável à subsistência, razão por que estão se deslocando para Santa Catarina e Paraná, alienando ou abandonando essas terras de suas propriedades;

o cearense, mesmo o pequeno proprietário, emigra vendendo ou abandonando suas terras, não só em razão das

sêcas mas por não poder explorá-las por falta de ajuda do Poder Público, como se constatou ouvindo-se cinco mil cearenses chegados à Hospedaria de Imigrantes em São Paulo, em novembro de 1961, quando não havia sêca para justificar a emigração.

O Conselho de Ministros Evangélicos do Ceará comentou êsses pontos falando no sofrimento do camponês e na importância de reconhecer a sua dignidade: o homem criado livre tem "o direito de procurar viver feliz na seara que Deus plantou e lhe entregou para cultivar e se beneficiar com os seus frutos". E coloca a reforma agrária no âmbito de outras reformas igualmente indispensáveis, como a urbana.

Outro papel que o prof. Maurício Wanderley me deu, é o "Pronunciamento Social da Igreja Presbiteriana do Brasil", aprovado pelo seu Supremo Concílio, reunido há alguns dias atrás. Também não é possível transcrevê-lo, o que não seria demais, uma vez que êsses papéis tratam dos mesmos problemas que nos preocupam na Conferência. Os dois primeiros ítens dizem:

"O imperativo que impõe à Igreja a obrigação de fazer pronunciamentos sôbre questões sociais da atualidade nacional e internacional deriva de sua vocação profética de proclamadora e testemunha do reino e de sua submissão e fidelidade à Palavra de Deus. Sua autoridade para pronunciar-se sôbre essas questões, em dada situação concreta, deriva, porém, da disposição com que os cristãos participam, sincera e sacrificialmente, da luta por uma ordem social em que expressem, cada vez mais perfeitamente, os postulados fundamentais da fé cristã sôbre Deus, o homem, a sociedade, o Estado e os sistemas ideológicos, políticos, sociais e econômicos".

E adiante: "Nenhum sistema ideológico de interpretação da realidade social, seja em têrmos filosóficos, políticos ou econômicos, pode ser aceito como infalível ou final. Os conceitos bíblicos da história, Reino de Deus e Escatologia nos farão perceber sempre, na condição humana, individual e so-

cial, a presença de fatôres que não caberão jamais dentro de uma interpretação puramente filosófica ou científica da realidade, distanciada da interpretação cristã e teológica".

## A CONFEDERAÇÃO FALOU POR TODOS

Outras Igrejas estão fazendo o mesmo. É conhecido o credo social da Igreja Metodista do Brasil. Também a Confederação Evangélica do Brasil, em proclamação lançada ao país no início do ano, manifestou com firmeza a sua posição na crise presente. Disse entre outras coisas:

"A injustiça social, seja sob que forma fôr, gera descontentamento e revolta. É o fruto amargo dos tempos de imediatismo. O egoísmo de indivíduos e classes; a prepotência dos mais fortes; a ganância de lucro fácil e exorbitante; a desavença entre capital e trabalho e entre empregador e assalariado — resultam da injustiça e produzem a desordem.

"Êstes temas constituem a marca dos nossos dias; caem sôbre o homem da cidade e do campo, e sôbre a família, com pêso que atinge os limites do intolerável. O problema do salário justo, o equilíbrio de direitos e deveres do empregado e do empregador, a questão crucial do desemprêgo tudo isto nos atinge a todos, e nos leva a falar ao Govêrno e a cooperar com êle na busca de soluções concretas e urgentes dentro da ordem e da paz.

"Há outros sinais dos tempos. Avultam em nossa terra problemas típicos das áreas subdesenvolvidas, que devem ser enfrentados com tôda a coragem e energia. Não se trata mais de dar ou aceitar esmola, mesmo grande e sedutora, e, sim, de fazer justiça e responder aos anseios naturais e legítimos das criaturas de Deus.

"As Escrituras Sagradas proclamam: "Não oprimirás o teu próximo nem o roubarás: a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã. Não farás injustiça em juízo: nem favorecerás o pobre, não habitareis nas casas de pedras

lavradas que tendes edificado. Porque sei serem graves os vossos pecados: afligis o justo, tomais subôrno e rejeitais o necessitado" (Amós 5.11,12).

E depois de falar especìficamente da reforma agrária e da reforma da educação, o manifesto da Confederação conclama o Govêrno à obediência ao Senhor da Igreja e do mundo e fala da verdadeira revolução de que necessitamos:

"Por isso, conclamamos o Govêrno à obediência a Deus, fonte de tôda a autoridade e poder (Rm 13.1). É seu dever primário estabelecer justiça, salvaguardar a ordem e assegurar ao povo os direitos fundamentais de liberdade, crença e opinião. Tais obrigações são tanto mais imperiosas quanto mais bem dotada é a nação. Tôdas as suas riquezas materiais devem ser canalizadas e desenvolvidas para o bem de todos. É também necessário zelar pelo futuro, promover o respeito e preservar as instituições pelas quais Deus exerce o seu poder criador —a família e o trabalho. Ambos são objeto de mandato divino, desde o Paraíso. Sua origem está em Deus mesmo. Pelo casamento a vida é multiplicada e a família, devidamente instituída, se perpetua; pelo trabalho, que envolve a atividade humana no campo, na indústria, nas artes, na ciência, etc., o homem se mantém e se realiza. Tôda vez que o Govêrno deixa de preservar a ordem divina, por ação ou omissão, esquece o seu mandato superior, e essa apostasia poderá ameaçar a existência do próprio Govêrno e o destino de tôda a Nação.

"Conclamamos também todo o povo brasileiro a pugnar pela justiça, dentro da ordem. Não precisamos copiar revoluções. A nossa revolução é urgente, mas recusa as violências de qualquer espécie. Também não nos podemos conformar com êsse tipo de violência silenciosa das mortes por inanição, das mortes dos que mal acabam de nascer, ou das vidas que amaldiçoam a terra que cultivam, ou das que não encontram oportunidades para o estudo, mendigam ou se prostituem para comer o pão de cada dia.

"Em hora assim, tão grave, queremos reafirmar a ordem divina de respeito à autoridade constituída. Êsse mesmo respeito e lealdade nos levam, contudo, a formular, com preces a Deus, esta advertência, ao mesmo tempo que apelamos para o esfôrço honesto em prol da reconstrução dos fundamentos políticos e sociais presentemente abalados. Tôda a Nação é chamada para essa tarefa. A crise nacional que atravessamos pode ser a grande prova de Deus para o povo brsileiro e, porventura, nova oportunidade para reconstruir os fundamentos da vida nacional. Para que isto se torne possível, é necessário, primeiramente, reconhecer a crise em tôda a sua extensão, e, em segundo lugar, abrir mão de nós mesmos e suportar um momento de humildade, de arrependimento e de sacrifício".

A proclamação da C.E.B. (cujo texto integral pode ser solicitado), contou com as assinaturas das autoridades máximas da Confederação e de sete Igrejas filiadas.

## O CÉU NA TERRA

Antes da *virada* final, amanhã e domingo, saio outra vez para ver a cidade. Seria uma forma para descansar, não fôsse o tremendo incômodo da penúria humana que se exibe por tôda parte. Será que a gente se acostuma?

Resolvo beirar o cais, ler as faixas de propaganda eleitoral, conversar com os desocupados. Os diálogos dariam um livro. O velho vendedor de dôces conta com detalhes incríveis a sua vida no interior, há 30 anos, até o dia em que não agüentou mais e veio para a cidade, "onde não dá para viver". Em todos nota-se revolta e a grande disponibilidade dos famintos ou abandonados. Não é de admirar que aceitem qualquer forma de esperança para encher suas vidas.

Nada sabem da Igreja. Achamos absurdo, mas essa gente está em situação que desconhecemos.

Tiro isto do relatório do Carlos Cunha:

"Na Fazenda de Tacaimbó, novas experiências nos aguardavam. Uma zona de problemas semelhantes ao de muitas outras regiões. Donos que querem desocupar terras para poder vendê-las. A ordem em Tacaimbó é de não consertar nada, de deixar tudo como está. Casas estão caindo, as poucas construções de utilidade pública não funcionam. Um moinho para puxar água, atirado ao chão, estragado.

"O ponto que vimos era uma lagoa, água estagnada, imunda. Nela se banhavam animais, crianças e se lava a roupa. Ao lado uma cacimba (poço) donde se tirava uma agua melhor (como diziam) para outros fins. Em redor da lagoa umas cento e poucas pessoas, mulheres, homens, crianças. Num grupo, pai, mãe e três filhos comiam em papel de jornal a sua refeição, farinha de mandioca e água, aquela mesma água que não tivemos coragem de beber. Algumas daquelas pessoas vinham de um raio de duas léguas (12 km); em tôda essa área aquela era a única água que tinham.

"Percebemos que pouco sabem de Ligas Camponesas ou Julião e que nada querem saber disso, confundem Ligas e comunismo; têm sido orientados assim. Apesar disso, confessaram que aquela era época de passar fome, porque não se podia plantar nada. O administrador, que nos acompanhava, informou que o salário daqueles homens era de 120 cruzeiros ao dia (a sêco) em cinco dias de trabalho por semana".

Sigo lamentando que tenhamos chegado até aqui pela incúria dos governos, pelo egoísmo do homem e pelas estruturas erradas — que permitem ou facilitam a manifestação plena do pecado da exploração. Já no começo do século, Gilberto Amado notara a indiferença pelos problemas que se esboçavam no Recife. Até quando? A solução não pode ser responsabilidade apenas da SUDENE!

O rio passa lá embaixo, prêto, liso e sem ruídos. O céu de estrêlas se reflete inteiro dentro dêle (Já que falei em Gilberto Amado: êle chama êste rio de o *papa-estrêlas*. O céu

inteiro mergulhado nas suas águas negras. Papa-estrêlas). Lembrei-me de repente de um sermão do Rev. José Borges: é preciso trazer o céu para a terra: temos pregado um lugar no céu — e pronto! Consolem-se os doentes os famintos, os sem-terra. A verdadeira dimensão de nossa fé não permite êsse tipo de evangelho de consolação, muito fácil de anunciar, duro de viver. O homem deve ser considerado na totalidade de sua existência.

## 28, SÁBADO

## 28, SABADO

**PRÓXIMA REUNIÃO: OPERÁRIOS E CAMPONESES PRESENTES**

Não foi só a entrevista de Paulo Wright, publicada hoje num dos jornais da cidade, que levantou o assunto de cooperativismo. Um dos grupos de estudo recomenda expressamente que se preparem líderes para essa forma de trabalho. Os delegados recebem um trabalho de Elmer W. Kreie sôbre "Cooperativas no Processo Revolucionário", que êle chama de resposta de homens livres à crise decorrente das violentas transformações sociais, verdadeira "revolução de aspirações crescentes".

A possibilidade existe. O próprio Paulo Wright conseguiu, pràticamente sòzinho, criar 27 cooperativas de pescadores no litoral de Santa Catarina, congregando 15.031 trabalhadores e atingindo a 25.000 famílias ao longo da costa catarinense. Muitos aspectos da vida dêsses pescadores começaram a mudar. Os intermediários e atravessadores estão sendo cortados.

Dos comentários passava-se ao abraço de despedida. Alguns estão saindo hoje. Sucedem-se as reuniões de comissões dos grupos. Alguns relatores passaram a noite fazendo a redação final das recomendações do seu grupo.

Não há muito que contar hoje. O mais significativo talvez tenham sido as sessões das suas fronteiras (cultural e econômica), onde as discussões foram longas e difíceis. À noite, na sessão plenária geral, ouviram-se os seis relatórios. Não foram discutidos, uma vez que se aprovou, no início da reunião, que fôssem enviadas ao Setor de Responsabilidade Social da Igreja, para consideração e redação final pelo próprio Setor.

Isto foi decidido em vista da extensão e da complexidade dos assuntos considerados pelos grupos. E também porque se tratava de uma Conferência de estudos, sem caráter delibe-

rativo. Os relatórios, com a devida redação final, vão publicados em outro volume.

O presidente assinala a presença de alguns visitantes: o vice-prefeito de Natal, Dr. Luiz Gonzaga dos Santos e o Prefeito de Palmares, Dr. Luiz Portela.

As professôras Edla Oliveira e Helena são chamadas à frente e homenageadas por todos, como reconhecimento pela hospedagem tão boa. O professor Maurício Wanderley é chamado a seguir. Agradecimentos e palmas para êle também.

As palavras finais esticam-se. Depois fizeram o mesmo com os organizadores da Conferência e com o Rev. Almir dos Santos, presidente do Setor.

O Sr. Jayme Ferreira pede a palavra:

— Sr. Presidente, na próxima reunião devemos ter maior número de operários presentes, inclusive mulheres que trabalham nas fábricas; e também camponeses. Como podemos falar sôbre assuntos que envolvem essas pessoas, sem a presença delas?! Houve muita teologia, Sr. Presidente. Eu me senti esmagado ao lado de tantos teólogos!

A plenária encerrou-se às 23,30 horas. O Rev. Francisco Pereira de Souza corre à frente e convoca os delegados do V Encontro de Líderes para a sua plenária final...

## O PAÍS DE SÃO SARUÊ

Os últimos diálogos então. Pela segunda vez converso calmamente com o Pastor Luiz Silva, da Assembléia de Deus, de Campina Grande. Está animado com a Conferência. Acha que chegou a hora de maior entrosamento da sua Igreja com a Confederação Evangélica do Brasil. E fala sôbre o trabalho de sua gente.

— Em novembro reuniremos 1.200 pastôres no Recife.

Será a nossa convenção nacional.

Luiz Carlos Weil está esperando para conversar sôbre planos de continuidade do trabalho do Setor. Amanhã nos reuniremos para isto, pela manhã, convocados pelo presidente. Mas é bom ouvir aqui e ali, reunir impressões, críticas, receios.

Encontro Jether Ramalho perdido no labirinto dos corredores do colégio. Ambos procurávamos o Pastor Karl Gottschald. Era tarde, êle viajaria cêdo, mas foi bom o nosso encontro final e acertos sôbre o futuro de tudo quanto começou no Recife.

O Rev. Oswaldo Alves cruza comigo. Foi meia hora de análise da Conferência. Era extremamente interessante, para quem estivera na preparação e na organização, fazendo tôdas as previsões possíveis, ouvir alguém que apenas participara daquela semana cheia e agitada.

Há outros grupos falando. A Conferência é reproduzida aqui e ali. Num grupo de jovens que participaram do V Encontro de Líderes, um relembra a vibração do Rev. José Del Nero e as suas frases únicas e paradoxais, quando falou aos moços sôbre as "Bases teológicas da responsabilidade social da Igreja".

Aos poucos tudo silenciou no escuro da última noite. Quem dormiu perdeu. Quem acordou deve ter sorrido mesmo no travesseiro. Era uma serenata de dôce música de nossa gente brasileira. As vozes subiam do páteo, varavam o sossêgo, trazendo relaxamento e paz. Parecia que a gente se integrava na voz do povo, na sua poesia, ora pitoresca, ora tomada de angústia, ora de esperança. A esperança de tudo quanto lhe tem sido negado. Como nos versos que João Dias leu na sua preleção, a propósito da esperança do povo numa situação nova, em oposição a tudo quanto conhece até aqui:

> Mais adiante uma cidade
> como nunca vi igual
> tôda coberta de ouro

e forrada de cristal,
ali não existe pobre
é tudo rico afinal.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi,
com as letras de brilhantes
chegando mais perto eu li,
dizendo: — São Saruê
é êste lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado,
era um povo alegre e forte
sadio e civilizado,
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo de São Saruê
tudo tem felicidade,
passa bem, anda decente
não há contrariedade,
sem precisar trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim,
as portas barras de prata
as telhas, folhas de ouro
e o piso de setim.

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelhas
atoleiros de coalhada,
açude de vinho quinado
monte de carne guisada.

As pedras de São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quintura,
de tudo assim por diante
existe grande fartura. (1)

E vai por aí a esperança da desilusão. Às vêzes chegamos a gozar a leveza e a graça com que se expressam, esquecendo a enfermidade que gerou a fantasia. No fundo, quase todo o nosso folclore é triste. Vai para as revistas, entra nas conferências e na literatura — onde é tratado como ciência. Não há identificação. Torna-se em vício brilhante. Sem encarnação não há autenticidade.

Mas agora devemos saber o que significa a utopia — e a sua dura congruência com a realidade. Nesse contraste está o germe do messianismo — e da frustração. Também o vazio espiritual ou a ideologia com verniz de religião. O povo canta e o povo dança com o tema da miséria em contraposição à miragem de uma vida cheia de fartura.

Esperança que vem de longe. E' uma constante da literatura do Nordeste. Muda-se a situação e o personagem. Mas a promessa é a mesma. Na moldura da sêca, fome, doença, miséria, sujeira, está o quadro exuberante da abundância sem limites. Compare-se Graciliano, Zé Lins do Rego, Raquel de Queiroz, José Américo de Almeida, Armando Fontes. E outros.

Isto é de Paulo Dantas, mais para o Sul, em Bom Jesus da Lapa:

"Eu furo o mandacaru e dêle espirra leite e sangue; o leite voa léguas de distância e de tão abundante, como se saído fôsse de um peito de vaca, úbere cevado e cheio vira um rio que dá pra mais de quinhentas famílias beberem. Nessa terra sêca, pego a areia e ela vira flor de milho. Tenho os poderes e os

(1) Trecho de «Viagem ao País de São Saruê», de Manoel Camilo dos Santos.

passes, os mandos e as posses, os bois, os jumentos e as porcas: milagres eu faço. Espalho sementes e elas nascem; eu sou o semeador que saiu a semear. (1)

E assim será. Enquanto a média de vida do nordestino fôr de 27 anos. Enquanto 50% morrerem antes dos 30. Enquanto a população de 23 milhões do nordeste não tiver produção agricola senão para 11 milhões. Enquanto as criaturas não reconhecerem o Criador e até que os homens que fazem economia cultura, politica não aceitem o Senhorio de Jesus Cristo na História do Brasil, é possível que o panorama continue.

E quem deve dizer aos pobres e aos ricos, aos políticos e aos economistas, quem é o seu Senhor? Esta é a tarefa da Igreja: dizê-lo de todos os modos e de tôdas as formas. Aqui se trata do encontro da Igreja com o mundo, com as coisas chamadas seculares. E ao fazer isto, a Igreja "não o fará na linguagem de Canaã, senão na linguagem livre e completamente inedificante que se costuma usar lá fora. Trata-se pois de uma tradução, por exemplo: uma tradução da linguagem da Igreja para a imprensa. Quer dizer, o mundo precisa ouvir em linguagem profana o que se diz em linguagem eclesiástica... Uma igreja que não haja visto claramente a missão que tem frente ao povo, não sòmente prestando ensino cristão de forma direta mas também fazendo ver tal ensino com palavras que tratem igualmente dos problemas diários... (2)

---

(1) Paulo Dantas, «O Livro de Daniel», Livraria Francisco Alves, 1961. Unida de Publicaciones», pág. 50.

(2) Karl Barth, «Bosquejo de Dogmática», Editôra «La Aurora» e «Casa Pág. 243.

## 29, DOMINGO

## 29, DOMINGO

### VENCER TÔDAS AS FORMAS DE MORTE

Hoje é domingo. Dia em que os sinos tocam e os templos se abrem. Dia em que se comemora a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas a sua ressurreição não é apenas um fato *religioso, eclesiástico*. E' a entrada, na História, de uma nova concepção de vida, da libertação e da vitória final.

Lembro aqui as palavras de Frei Cardonel: "A partir da ressurreição é preciso vencer tôdas as formas de morte, as diversas condições de escravidão dos homens, os proletariados, os sub-proletariados, a prostituição, a submersão no luxo e na riqueza, os diversos tipos de colonialismo econômico e político; sem esquecer a servidão do homem a si mesmo, como indivíduo que recusa a abolição de seus próprios límites". (1)

Às 16 horas, no culto de encerramento da Conferência do Nordeste, ouvimos do Rev. Curt Kleemann algo nessa mesma direção, depois de citar o apóstolo Paulo: "Eu me regozijo agora do que padeço por vós, e na minha carne eu cumpro o resto das aflições de Jesus, pelo seu corpo, que é a Igreja".

— Portanto, prezados irmãos, a Igreja é o corpo místico de Jesus Cristo e, em certo sentido, é na vida de Jesus que ela vai buscar inspiração para a sua própria vida na história. É na vida de Jesus, através de alguns dos seus eventos mais importantes, que nós podemos buscar sentido na mensagem de hoje em dia. E êstes eventos são, por exemplo: o nascimento de Jesus, a tentação no deserto, a paixão e morte, a sua ressurreição. Prezados irmãos, na vida de Jesus e no seu ministério na igreja em nossos dias. Jesus nasceu no meio de pecadores, morreu no meio de dois ladrões, que simbolizavam a humanidade.

---

(1) «O Metropolitano», Rio, 11-12-1960.

"Deus se fêz presente no mundo em Cristo; e encarnação quer dizer precisamente isto, *presença de Deus em nosso meio.* Deus não mandou apenas folhêtos de evangelização falando coisas bonitas sôbre o céu; êle se tornou conhecido por uma presença junto a nós. E às vêzes, infelizmente, como cristãos, nós não compreendemos esta verdade. Nós achamos que o reino de Deus se implantará no mundo através de cultos ao ar livre, de programas radiofônicos, de pregações. Embora isto seja muito importante, não expressa necessàriamente a nossa presença nos acontecimentos no mundo. E' que a Igreja muitas vêzes, com mêdo de tornar-se mundana, isola-se do mundo, esquecendo-se de que Deus em Cristo viveu no mundo sem ser *mundano.* O Filho de Deus se tornou filho dos homens para que nós, os filhos dos homens, nos tornássemos filhos de Deus. E isto foi possível graças à sua aceitação dos homens tal como são. "Eu venho como sou". Fazendo-se carne, como nós, Deus não violentou a mente e o coração humanos. Deus, em Jesus, nos aceitou como nós somos ,com os pecados de todos (Maria Madalena). Aceitou os fracos com suas fraquezas (Pedro). Os doentes com as suas enfermidades (os dez leprosos). Os pobres com as suas pobrezas (os reis Magos). E os ricos com suas riquezas (o moço rico). E foi através desta aceitação total do ser humano que nós podemos ser redimidos pelo sangue de Jesus, o cordeiro de Deus que tira todos os pecados do mundo. E uma das coisas que nós aprendemos também nesta Conferência é que muitas vêzes, como Igreja do século 20, nós estamos nos esquecendo do princípio da encarnação, querendo formar homens e mulheres à nossa imagem, violentá-los espiritualmente para depois amá-los.

Era o útimo ato oficial da Conferência. O sermão de encerramento constou de uma análise, à luz da Bíblia, de tudo quanto fizéramos naquela semana. A reunião foi no templo presbiteriano da Boa Vista. O Rev. Diniz Azambuja Neto, um dos seus pastores, participou da cerimônia. Delegados e preletores se congregam pela última vez antes da dispersão. Entre os visitantes, o Deputado Aurélio Viana, jornalistas, seis seminaristas católicos. O Primeiro Ministro, então o Prof.

Brochado da Rocha, telegrafa apresentando "congratulações êxito alcançado Conferência do Nordeste".

Vamos. O ato final tocou-nos a todos. A Conferência termina com um culto de gratidão e louvor. Depois de falarmos a semana tôda, numa luta forte para defender nossas idéias ou posições, aqui nos encontramos em humildade e súplica para receber, como resposta final, a palavra do mensageiro de Deus.

— Sim, irmãos, aqui está a minha última palavra: precisamos ressurgir com Jesus Cristo em novas formas de vida, para podermos cumprir melhor a nossa obra, a missão que é de Deus em Jesus Cristo, através de nós.

# CRONOLOGIA DA CONFERÊNCIA DO NORDESTE

# CRONOLOGIA DA CONFERÊNCIA DO NORDESTE

Todo o trabalho de preparação da IV Reunião de Estudos, atendeu a um constante diálogo. Era uma preocupação permanente de escutar o que outros poderiam dizer ou sugerir.

## A SEMENTE É PLANTADA

As questões local, temário, preletores, participantes e outras, sòmente foram decididas após gestões demoradas e discussões esclarecedoras. Ao debate foram convidadas as figuras mais prepondenrantes das Igrejas, membros da Confederação Evangélica. Tudo passou pelo crivo do estudo e da crítica às vêzes minuciosa. Desde as lapelinhas de identificação com o cartaz da Conferência miniaturizado, até aos preletores e seus temas, tudo foi esmiuçado. Casos houve em que até o direito de veto subsistiu, tornado hábil por argumentos inarredáveis. O artista apagou do cartaz original elementos impugnados; mudaram-se títulos e conteúdo de documentos e palestras; oradores foram substituídos; outros se introduziram, porque persistia o atendimento à objeção válida, a aceitação da crítica.

Resultou disso um preparo plurilateral tanto no que tange a indivíduos como a idéias e ideologias.

## ÀS CLARAS

Cumpre ressaltar ainda a diuturnidade de todo êsse trabalho preparatório; os planos eram acessíveis a todos. Os secretários geral e departamentais são fiadores do que afirmamos, e foram êles a nossa melhor satisfação na obra, porque não deixaram o nosso lado.

Como elemento vindo de fora para a executiva da reunião, guardo alegremente a lembrança dêsse apoio cotidiano, da simpatia recebida, das mãos estendidas a cumprimentar e a estimular-nos, a mim e aos que em condições idênticas comigo trabalhavam.

## AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS

Seria injusto esquecer o que de participação, aprovação, ajuda indispensáveis, nos deram autoridades eclesiásticas que se envolveram, tanto quanto nós, no sentido da melhor organização possível da Conferência do Nordeste.

## DUAS COMISSÕES ORGANIZADORAS

tituídas duas comissões, a Comissão Organizadora Nacional e a Comissão Organizadora Local; aquela com elementos no sul do país e membros da Mesa do Setor; esta em Recife, depois de se ter decidido o local da Conferência (nomes nos apêndices dêste relatório.

A COL serviu para as providências locais específicas, tais como hospedagem, localização, relações públicas etc.; e serviu também como elemento consultivo para tôdas as questões que exigiam prudência a fim de dirimir dúvidas. Medidas como escolha de preletores, tema geral, sub-temas, não foram decididos sem a anuência dela.

Não sòmente estava formada de elementos que representavam excelente média dos grupos evangélicos atuantes no Nordeste, como ainda estava intimamente ligada à Delegação Regional da Confederação Evangélica do Brasil. Isso nos deixava muito seguros e tranquilos nos vários empreendimentos programados.

Por sua vez a Comissão Organizadora Nacional, depois de constituída, ou ela mesma convocava os elementos do Setor e solicitava reuniões dêste, ou, quando o Setor se reunia, sempre a incluia nas suas convocações.

Assim, pois, constantemente essas comissões eram chamadas a opinar sôbre um imenso conjunto de questões relacionadas com o encontro.

REUNIÕES E ENCONTROS

Aproximadamente duas dezenas de reuniões, oficiais umas, e informais outras, foram realizadas dentro do esquema de planejamento. Eram nomes, títulos, papéis, temas, documentos, grupos, calendários, divulgação, revisões de tudo. Um mundo enfim de grande e pequenas coisas que se discutiam.

Queremos dar uma idéia, ainda que sucinta dêsse processo, dando mirada rápida aos vários encontros e reuniões preparatórias, com os elementos que nêles foram ventilados.

O NORDESTE EM PAUTA

Discutiu-se como e onde se faria a reunião (IV de Estudos Sociais) e resolveu-se incluí-la, pensando no Nordeste, na agenda de 1961 para preparo e estudo.

1.ª *reunião (ata* 46 — 16/12/60)

PRIMEIRAS SONDAGENS

Resolveu-se considerar a viagem ao Nordeste (Revs. A. Sapsezian e J. Nasstrom) como os primeiros passos para a Conferência. Êles foram encarregados de várias sondagens de ambiente para a constituição da COL e para êsse tipo de reunião.

Constitui-se uma Comissão de Planejamento (Rev. Almir dos Santos e Srs. Cesar Teixeira, Esdras Costa, Waldo Cesar) para ouvir as sugestões que trariam os dois viajores.

Nesta mesma reunião se discutiu a constituição do Setor e se elegeu outro vice-presidente para o lugar do Rev. Almir dos Santos que — pela exoneração do presidente (Rev. Ewaldo Alves) — assumira o cargo vago. Foi eleito o Rev. Davi Gomes.

2.ª *reunião (atas* 47/8 — 25/3/61)

## COMISSÕES SE ORGANIZAM

Decidiu-se a primeira data da Conferência (fev./62). Estabeleceu-se constituir uma comissão Organizadora Nacional e uma Comissão Organizadora Local, e convidar (tempo parcial) o prof. Esdras Costa para a preparação do Encontro.

3.ª *reunião (ata* 49 — 3/5/61)

## ESTRUTURAS

Entre outros assuntos foram ventilados e decididos os seguintes:

1. Aceitação de um documento básico elaborado por Esdras Costa, como linha geral para a Conferência.
2. Visita ao Nordeste e constituição em Recife de uma Comissão Organizadora.
3. Convite a um elemento de Recife para a próxima reunião do Setor.
4. Coordenar o Acampamento de Trabalho com a IV Reunião de Estudos.
5. Transferir a data (fev./62) da reunião, para julho.
6. Aprovar o orçamento geral da Conferência.
7. Outros assuntos como: Trabalho intenso de preparação e divulgação (boletins, viagens, folhetos, e documentos para grupos de estudo). Lançamento do livro "Evangelização e política" de Philippe Maury etc., foram estudados e aprovados.

4.ª *reunião (ata* 50 — 3/9/61)

## NASCE O CEEBRAS

Nesta oportunidade fez-se um estudo sôbre a Encíclica papal "Mater et Magistra", sob o ponto de vista católico romano (Prof. A. Zimermann), marxista (Prof. Leandro Konder) e protestante (Prof. Paul Lehmann).

Esteve presente o Rev. Dorival Beulke, pastor metodista em Recife, que deu algumas informações úteis e falou da ansiedade dos irmãos e das igrejas nordestinas pela IV reunião de Estudos.

Foi criado o Centro de Estudos Brasileiros (CEEBRAS). Ao Centro incumbia preocupar-se principalmente com a Conferência. Esta data era o sexto aniversário do Setor.

5.ª *reunião (ata* 61 — 2/12/61)

AGENDA

Centro de Estudos, Conferência, viagem ao Nordeste (presidente do setor e secretário-executivo), inclusão de um documento sôbre Reforma Agrária entre o material preparatório, foram assuntos resolvidos.

6.ª *reunião (ata* 52 — 20/12/61)

ARMA-SE O ESQUEMA

Neste encontro surgiu o primeiro plano de temário geral da Conferência, que seria:

1. A Realidade Social internacional e brasileira com ênfase no Nordeste.
2. Fundamentos para a interpretação dos acontecimentos:
   - a — Base teológica da responsabilidade social da igreja;
   - b — Interpretação dos movimentos sociais e ideológicos;
   - c — Posição da Igreja com relação a problemas específicos: reforma agrária, desenvolvimento etc....
3. Ação corporativa e laica nos seguintes campos de ação: Sindicatos, política, alfabetização, imigração e colonização, setores técnicos.

Outros assuntos foram:

1 — Nomeação de um assistente para o secretário-executivo.

2 — Determinação para a viagem do Dr. Jether Ramalho a Nordeste.

3 — Dinamização do Centro em função da Conferência e estabelecimento da data para instalação do mesmo.

4 — Elaboração inicial de uma lista de números de delegados distribuidos em quatro colunas (Sul-Norte Setor-COL) relativas, duas às igrejas e duas à organização geral (Comissões).

5 — Também se elaborou o calendário da Conferência que depois sofreu ligeiras alterações. Julho, 21 a 28 foram as datas inicialmente cogitadas.

6 — Fez-se um plano de grupos de estudo pré-conferência que estudassem alguns documentos básicos como ponto de partida para os grupos da própria reunião. Funcionariam no Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e talvez ainda em outras cidades.

7.ª *reunião (ata* 53 — 12/2/62)

"CRISTO E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO"

O temário assumiu então formas mais definidas com o tema geral evoluindo para "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro"; e os dois grupos de três teses cada um: teses bíblicas e sociológicas, mais uma de orientação aos grupos. Apareceram também os primeiros nomes de preletores. Planejou-se um Documento Básico Preparatório. Decidiu-se expressar as conclusões da conferência em têrmos de fronteiras de ação (rural, operária, educacional, intelectual etc...).

Assuntos como filme documentário, sôbre o Nordeste, cultos matutinos e vespertinos (dirigentes), mensagem de abertura e de encerramento; decidiu-se consulta ao Recife sôbre temário e preletores; horários etc...

8.ª *reunião (ata* 54, *anexo* 1 — 14/4/62)

ESTUDOS

Elaboraram-se alguns planos de documentos preparatórios. Fez-se a primeira seleção de nomes para um equipe de trabalho que se deslocaria, um mês antes da Conferência, para Recife e se estudou sèriamente o campo de ação dessa equipe, fixando-se ela em dois ítens fundamentais: ajuda na organização do Encontro e levantamento da opinião sôbre diversos assuntos como contribuição ao Centro de Estudos.

9.ª *reunião (ata* 54, *anexo* 2 — 30/4 *a* 2/5/62)

AS FRONTEIRAS

Esteve presente o Rev. Dias Araújo que fez uma exposição de fatos e observações em nome da COL.

Definiram-se as fronteiras de ação em duas; a Econômica e a Cultural. Esta com os grupos: arte e comunicação, educacional e estudantil; aquela com os grupos: rural, industrial e urbano.

Na reunião os participantes se separaram em dois grupos (econômico e cultural) e fizeram a primeira contribuição definida de material de estudo para as fronteiras na Conferência. Isso com ligeiras alterações foi a matéria que os grupos trabalharam em Recife.

10.ª *reunião (ata* 54, *anexo* 3 — 12 *a* 14/5/62)

NOVOS ESTUDOS

Revisão do programa da Conferência à luz de observações do Dr. Paul Abretch (Genebra) e sôbre o Nordeste. Formação de duas equipes (São Paulo e Rio de aneiro) para estudarem em conjunto aspectos da preparação.

11.ª *reunião (ata* 54, *anexo* 4 — 29/5/62)

## ULTIMAM-SE OS PREPARATIVOS

Estudou-se o entrosamento com o V Encontro de Líderes (programas, impressos, cartases em comum) Exposição de arte foi outro assunto. Nomeou-se uma Comissão de cultos (Revs. Glênio Vergara. W. Scisler F.º, Arpad Grid-Papp, F. Znader e Sr. Edir Cardoso).

Quanto ao funcionamento dos grupos adotaram-se algumas medidas preventivas de ordem geral. Definiram-se e distinguiram-se fronteiras constituídas de grupos. O trabalho de orientação dos grupos (inicialmente atribuído ao Rev. Rubem Alves) passou ao Sr. Waldo Cesar.

Ficou pràticamente constituida a equipe que iria a Recife (nomes em apêndice) e que depois recebeu pequenas modificações.

12.ª *reunião (ata* 54, *anexo* 5 — 14 e 15/6/62)

## OUTRAS REUNIÕES INFORMAIS

Houve outros encontros não oficiais para consultas debates e acêrtos de matéria que não dependiam de aprovação oficial.

Numa dessas se discutiu o cartaz em alguns de seus detalhes. Fizeram-se pequenas modificações exigidas por circunstâncias e por opiniões de pêso.

Assim se fez tudo sob consulta constante. Trocaram-se cartas e telegramas entre grupos os indivíduos sempre visando uma cuidadosa penetração e evitando-se choques.

## REUNIÕES DA DIRETORIA DA CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL

Naturalmente todo o material dêstes encontros e reuniões foi remetido à diretoria da CEB. Pelo menos três vêzes os Srs. Diretores se encontraram para debater aspectos da preparação, objeções à realização da Conferência.

Algumas coisas, no conjunto total, foram modificadas e ampliadas por expressa determinação da Diretoria.

## VIAGENS AO NORDESTE E NORTE

Quatro viagens se relacionaram com a Conferência. Inicialmente a dos Revs. A Sapsezian e J. Nasstrom, que, embora em missão do Departamento de Ação Social, deram, contudo, enseja aos primeiros contactos preparatórios. Veio depois a do Dr. Jether Ramalho que foi ao Norte em missão do Departamento de Imigração e colonização. Na volta os seus interêsses e atenções notadamente em Recife se voltaram para a preparação da IV Reunião de Estudos. Inteiramente dedicada à Conferência, se fez a viagem do presidente do Sentor e do secretário-executivo da CON que estiveram durante quinze dias em importante contacto preparatório. Houve nessa oportunidade (segunda quinzena de março) várias reuniões prévias com líderes e pastôres, em Recife e em João Pessoa; visitas pessoais em grande número; entrevistas à imprensa e rádio secular e evangélico; tudo isso deu à cidade do Recife e em especial aos meios evangélicos nordestinos a certeza e a ansiedade por um encontro que estava fadado a causar grande repercussão.

Posteriormente, ainda a serviço do Departamento de Ação Social, o Dr. Jether Ramalho seguiu, desta vez em viagem mais demorada, até o Nordeste brasileiro. Os seus encontros e reuniões em várias cidades sempre se referiram à Conferência de Recife. Vários elementos coligidos nos indicavam têrmos chegado a um posição da qual não era possível mais recuar.

## EQUIPE

Uma das melhores contribuições à Conferência foi o trabalho da equipe que se deslocou (6/7/62) para a capital de Pernambuco.

Conheceram-se problemas sociais os mais variados; estudaram-se entidades de ação social; visitaram-se igrejas locais e seus departamentos; contactos houve com autoridades e simples gente do povo, dentro e fora da Igreja.

Os componentes dela realizaram simultâneamente trabalho de pesquisa social, e burocracia da Reunião. Os relatórios individuais têm excelente material para futuros estudos e promoções do Setor.

## FUNCIONAMENTO GERAL DA REUNIÃO

Obedecendo ao esquema clássico, quem? o que? onde? chegaremos à Conferência.

Eram dois lugares diferentes para hospedagem (Colégios Agnes Erskine e Colégio Batista Americano). Haviam participantes de tempo integral e de tempo parcial; visitantes de todos os dias e ocasionais; observadores constantes e de uns poucos minutos, que, de passagem pediam algum papel ou algum livro ràpidamente, para depois falarem da Conferência longamente talvez; a todos nos competia ajudar, entreter, encaminhar, explicar etc... Está claro que muita coisa não saiu a contento. Os que organozamos a Reunião de Recife, nos surpreendemos com a amplitude que ela tomou.

Fizemos funcionar uma livraria onde vendemos obras do mais variado gôsto e as nossas publicações também. Foram trazidas para ela livros geralmente de problemas sociais. não era apenas um editor que trazia em consignação para vendermos ou para distribuirmos. Lá estavam obras que retratavam posições bem opostas. O Prof. Gilberto Freyre nos mandou muitas publicações do Instituto que dirige; e o ex-secretário de Segurança nos enviou material geralmente de propaganda anti-comunista para distribuição gratuita. Adotamos como medida não impedir nada disso que vinha. Juntamente com livros facilitamos a aquisição de algumas recordações do Nordeste.

Em bom espírito democrático planejamos a Conferência do Nordeste; o desenrolar dela foi manifestação inequívoca dêsse espírito. Ali se misturavam preletores e participantes; lá se ouviram as vozes de uns e de outros no debate, na objeção franca, na discussão clara.

É como ficou dito de início: Em tudo, da preparação ao técnico, houve "uma preocupação permanente de escutar o que outros poderiam dizer ou sugerir". Honrados e satisfeitos sentimo-nos nesta obra em que estivemos empenhados.

# ÍNDICE



## DIÁRIO DA CONFERÊNCIA

# 28 COCHILOS

*(errata)*

1. Na pág. 10, 15.ª linha, leia *a seus dedicados*.
2. Na relação dos nomes que compuseram a Comissão Organizadora Nacional, pág. 13, 29.ª linha, perdeu-se o último e do nome do Rev. *Dorival Rodrigues Beulke*.
3. Ainda na mesma relação, corrija-se o nome do Sr. *Torquato dos Santos* (Comissão de Relações Públicas).
4. Por favor, faça o mesmo com o nome da *Bárbara Hall* na relação dos presentes às reuniões.
5. No capítulo "De como se Interpretaria..." pág. 21, 11.ª linha, leia-se *heterogeneidade*.
6. À pág. 25, 11.ª linha, foi "comido" o *m* de *contemporaneidade*.
7. Mesma página, 12.ª linha leia-se *privilégio* ao invés de *previlégio*.
8. O mesmo se faça com *esquisitos* em lugar de *esquesitos*, na mesma página, linha 18.
9. *Problemas*, e não *poblemas*, ainda na mesma página, linha 22.
10. Pág. 26, última linha: *compulsaram* substitui *compulsar*.
11. Na pág. 33, 20.ª linha, leia *pátio* e não *páteo*.
12. *Distribuir* e não *destribuir*, pág. 37, 3.ª linha. A propósito dêste capítulo, a sua ilustração está invertida. Basta virar o livro e está feita a correção.
13. O número exato, consoante estatísticas, é de *70 mil prostitutas*, queira efetuar a alteração à pág. 39, linha 12.
14. Falta um *s* na palavra *transferiu-se* à mesma pág., penúltima linha.
15. Pág. 50, linha 25, *como escravo*, é a expressão correta.
16. *Ascenção* escreve-se com *s*, e não com c como aparece na pág. 53, linha 11.
17. Leia-se *soberania*, pág. 62, linha 30.
18. *"O meu reino não é dêste mundo"* é o versículo certo de João *18:36*. Por favor corrija a citação — pág. 62, última linha.
19. À pág. 64, 20.ª linha, *irreversibilidade*, e não *irreversabilidade*.
20. *Setim*, por *cetim* é a correção devida à pág. 106, linha 26.
21. *Preponderantes* e *miniaturado* devem substituir as palavras grafadas erradamente na pág. 117, linhas 7.ª e 10.ª respectivamente.
22. "Inicialmente (no âmago do preparo geral) foram constituídas"... é a linha que falta à pág. 118 sob o título *Duas Comissões Organizadoras*.
23. À pág. 119, 8.ª linha falta um *s* na palavra grande.
24. *Presidente* substituindo *prosidente*, pág. 121, linha 9.
25. Queira anotar o nome do Rev. W. Schisler F.º, que está grafado erradamente na pág. 124, 4.ª linha.
26. Na pág. 125, 9.ª linha, deve-se cortar um *n* que está "sobrando" na palavra *Setor*.
27. *Organizamos* e *trazidos* são as correções da pág. 126, linhas 11 e 15, respectivamente.
28. E no índice o subtítulo correto do último capítulo do Diário da Conferência é *Vencer tôdas as formas de morte*.

ERRATA DA ERRATA: A fim de evitar que a errata constituísse um volume à parte, fizemos notar apenas alguns erros, deixando à argúcia do leitor a descoberta de outros eventuais.